

A

CANTORA BRAZILEIRA

HYMNOS. CANÇÕES E LUNDUS

A VENDA NA MESMA LIVRARIA

ALVARES DE AZEVEDO.—Obras completas, 3 vol. in-8.º	9\$000
CASIMIRO DE ABREU.—Obras completas, 1 v. in-8.º	3\$000
GONÇALVES DIAS.—Poesias, 2 v. in-8.º br. 4\$, enc.	6\$000
JUNQUEIRA FREIRE.—Obras completas, 2 v. in-8.º	6\$000
GONZAGA.—Mafilia de Dirceu, 2 v. in-8.º	6\$000
BITTENCOURT SAMPAIO.—Flôres sylvestres, 1 v, in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
BRUNO SEABRA.—Flôres e fructos, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
LUCIO DE MENDONÇA.—Alvoradas, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
NORBERTO DE SOUZA SILVA.—Flôres entre espi- nhos, contos poeticos, 1 v. in-8.º	2\$000
JOAQUIM SERRA.—Quadros, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
SILVA ALVARENGA —Obras completas, 2 v. in-8.º	6\$000
ALVARENGA PEIXOTO. —Obras completas, 1 v. in-8.º	3\$000
CASTILHO (J. F. de).—O outomno, collecção de poesias, 1 v. in-4.º br. 3\$, enc.	4\$000
CASTILHO (Julio de).—Primeiros versos, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
BERNARDO GUIMARÃES.—Poesias, 1 v. in-4.º	6\$000
■	
—Novas poesias, 1 v. in-8.º	3\$000
GUIMARÃES JUNIOR. — Corymbos, poesias, 1 v. in-8.º br.	3\$000
GUIMARÃES JUNIOR. — Nocturnos, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
MACHADO DE ASSIS.—Americanas, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
MACHADO DE ASSIS.—Chrysalidas, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
MACHADO DE ASSIS. — Phalenas, poesias, 1 v. in-8.º	3\$000
VARELLA. — Cantos do ermo e da cidade, 1 v. in-8.º	3\$000
ZALUAR.—Revelações, poesias, 1 v. in-4.º	5\$000

NOVA
COLLECÇÃO
DE
HYMNOS, CANÇÕES E LUNDUS

TANTO AMOROSOS COMO SENTIMENTAES

precedidos

DE

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A MUSICA NO BRAZIL

Impressão de D. J. D. D.
35

RIO DE JANEIRO

Vende-se na livraria de—B. L. GARNIER

65—RUA DO OUVIDOR—65

—
1878

ADVERTENCIA

Tencionavamos dar neste terceiro tomo um trecho do illustrado Sr. M. de Araujo Porto Alegre, barão de Santo Angelo, sobre a musica no Brazil, mas baldados foram os esforços que fizemos para obter a obra em que foi publicado em 1836, isto é, Nictheroy, *Revista Braziliense*, imprensa em Paris.

Como temos fé que a presente edição se esgotará rapidamente completaremos a nossa tarefa em uma nova edição mais desenvolvida, e na qual procuraremos dar a auctoria de muitas composições que andam por ahi sem o nome de seus auctores.

Pedimos aqui a quem se interessar pelo complemento desta obrinha popular o obsequio de nos auxiliar com as suas notas e muitas composições que escaparam as nossas pesquisas e que entretanto fazem o encantos do povo deste vasto imperio.

J. N. de S. S.

H Y M N O S

H Y M N O C O N S T I T U C I O N A L

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA, MUSICA DE
MARCOS PORTUGAL

Já podeis, filhos da patria,
Vêr contente a mãe gentil.
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brazil.

*Brava gente brasileira,
Longe vá ten.or servil.
Ou ficar a patria livre.
Ou morrer pelo Brazil.*

Os grilhões que nos forjava
Da perfidia astuto ardil,
Houve mão mais poderosa,
Zombou d'elles o Brazil.

Brava gente, etc.

O Real Herdeiro Augusto,
Conhecendo o engano vil,
Em despeito dos tyrannos,
Quiz ficar no seu Brazil.

Brava gente, etc.

Revoavão sombras tristes
Da cruel guerra civil,
Mas fugirão apressadas
Vendo o anjo do Brazil.

Brava gente, etc.

Mal soou na serra ao longe
Nosso grito varonil.
Nos immensos hombros logo
A cabeça ergue o Brazil.

Brava gente, etc.

Filhos, chama, caros filhos,
E' depois de affrontas mil
Que a vingar a negra injuria
Vem chamar-vos o Brazil

Brava gente, etc.

Não temais impias phalanges
Que apresentão face hostile
Vossos peitos, vossos braços,
São muralhas do Brazil.

Brava gente, etc.

Parabens, ó brazileiros,
Já com garbo juvenil
Do universo entre as nações
Resplandece a do Brazil.

Brava gente, etc.

Parabens, já somos livres.
Já brilhante e senhoril
Vai juntar-se em nossos lares
A assembléa do Brazil.

Brava gente, etc.

Mostra Pedro à vossa frente
 Alma intrepida e viril,
 Tendes n'elle o digno chefe
 D'este imperio do Brazil.

Brava gente, etc.

16 de Agosto de 1822.

HYMNO

INDEPENDENCIA OU MORTE

Poesia de Evaristo da Veiga

Já da querida patria
 Foi decidida a sorte,
 E' do Brazil divisa
Independencia ou morte.

Temos por nós a Pedro,
 Heróe prestante e forte,
 Longe o reccis fuja,
Independencia ou morte.

Quer Pedro, ó vis tyrannos,
 Que negro plano aborte ;
 Queiramos nós com elle
Independencia ou morte.

Do throno e patria esteios,
O' filhos de Mavorte,
Dentre gravai dos peitos
Independencia ou morte.

Da guerra entre os horrores,
Vosso valor conforto
O grito da victoria
Independencia ou morte.

De nossos lares fuja
Feroz, hostile cohorte,
Ao lêm em nossos braços
Independencia ou morte.

Quem haverá que os ferros
Da escravidão suporte?
Ao vêl-os quem não clama :
Independencia ou morte.

No Prata, no Amazonas,
Do Sul resôa ao Norte
O grito, que retumba,
Independencia ou morte.

Os pais da patria venhão
Com venerando porte
Dar leis que têm por base
Independencia ou morte.

Recebão d'estes povos
 Entre geral transporte
 O sancto juramento
Independencia ou morte.

INDEPENDENCIA OU MORRER

HYMNO

Poesia de Evaristo da Veiga

Ouvi, o povos, o grito
 Que vamos livres erguer,
 O Brazil sacode o jugo,
Independencia ou morrer.

Leis que impostura dictava
 Não mais devemos soffrer,
 Ferros nunca, nem dourados,
Independencia ou morrer.

Congresso oppressor jurara
 Nossos foros abater,
 Em seu despeito juremos
Independencia ou morrer.

Um povo que quer ser livre
 Livre por força ha de ser,
 E' esta a lei das nações.
Independencia ou morrer.

Temos heroe que trabalha
Em nosso jus defender,
Longe fuja o servilismo.
Independencia ou morrer.

Unem-se força e direito
Para as cadeias romper,
Mão real as despedeça,
Independencia ou morrer.

Depois de tresentos annos
Livre o Brazil vai viver,
Deve a Pedro a liberdade,
Independencia ou morrer.

Da nossa gloria, ó regente,
Só ta penhor pódes ser,
Ou Pedro ou deixar a vida.
Independencia ou morrer.

O Brazil, do mundo inveja,
Não deve em ferros gemer,
E' tempo, sejamor livres,
Independencia ou morrer.

Abrasado em patrio zelo,
Sente-se o sangue ferver.
Resôa em todas as boccas
Independencia ou morrer.

Embora esquadrões armados
Ferros nos venhão trazer.
E' brazão das almas livres
Independencia ou morrer.

Os satellites do crime
O que nos podem fazer?
Juramos no altar da patria
Independencia ou morrer.

Os corações dos tyrannos
Hão de covardes tremer
Vendo escripto em fortes braços
Independencia ou morrer.

Nós escravos! ó vergonha!
Mais vale a vida perder,
Nossa patria tem por timbre
Independencia ou morrer.

Havemos entre as nações
Nossos direitos manter
Corra embora o sangue em rios,
Independencia ou morrer.

Vem, ó Brazil, os teus filhos
Hoje abraçar de prazer.
De ti são dignos seus votos.
Independencia ou morrer.

16 de Setembro de 1822.

HYMNO COMMÉMORATIVO DA INDEPENDENCIA

POESIA DE J. NORBERTO, MUSICA DE F. M. DA SILVA

Creou Deus a nossa terra
Cheia de immensa riqueza,
Deu-lhe divina belleza
E um céo de pura luz !
E era pobre entre riquezas
Todo o povo brasileiro,
E soffreu em captiveiro
A linda terra da cruz !...

Livre nascida
Em a cabana
De seccas palmas
Americana,
Curva-se a patria
A' cruz, que santa
Sobre suas plagas
Cabral lhe planta.
Christã em ferros,
Eil-a a soffrer !
O' Deus a terra
Da cruz, que é tua
Vem soccorrer !

Eis um guerreiro apparece
E só com seu brado forte,
Desde o sul até o norte
Abate o genio oppressor ;

Avante, nobre guerreiro,
Tens a fronte radiante,
E és de um povo inda infante
O futuro imperador.

Deixando o throno
Do decadente
Reino que outr'ora
Foi florescente,
Abraça a causa
Do grande imperio,
Honra do novo
Vasto bemisferio ;
Gloria, ó guerreiro
Triumphador !
Saúda, ó patria,
O teu futuro
Imperador !

Lá se oppõe a tyrannia
Ao bem que o Brazil intenta :
Eis guerra triste, sangrenta
A patria alaga de dôr !
Porém o Brazil combate ;
Trôa o bronze... a bala geme...
Córta a espada .. a terra freme...
Tudo é sangue !... Tudo horror !...

Mas é da patria
Certa a victoria,
Que lhe promette

Eterna gloria ;
A sua causa
Protege o Eterno,
Que o despotismo
Prende no averno.
Tamanha guerra
Não temas, patria,
Tu vencerás ;
Dos inimigos
Triumpharás.

O' patria, ó Brazil, exulta !
Exulta cheia de gloria !
Lá em signal da victoria
Ribomba bronzeo canhão !...
Desde o Prata ao Amazonas
Ondêa... tremula... impéra...
Emblema da primavera,
Auri-verde pavilhão !...

Brilha nos ares
O estandarte,
Que em paz impéra
Por toda a parte ;
O canhão sôa,
Já de alegria,
Commemorando
O grande dia.
Em que a patria
Tudo alcançou
E para sempre

Da prepotencia
Livre ficou.

O' principe excelso, impéra
Com teu povo brasileiro :
Firma o pacto verdadeiro
Da mais sagrada união !
O' Brazil, tu serás grande.
Santa ventura te aguarda ;
Para isso acata e guarda
A sacra constituição !

Juremos todos,
No patrio altar,
Fieis, constantes,
Sempre a guardar ;
Penhor de paz
E flicidade,
Firme garante
De liberdade,
Suave laço
Da união,
Tem baluartes
Em nosso peito
E coração.

Fulge, ó sol ! E' este o dia
Da suprema liberdade !
Entôai, ó mocidade,
Vossos hymnos de louvor !
Ondulai, pendões brazilios !

Trôai bronzes, em memoria
Do grande dia de gloria,
Que nós deu o Imperador !...

Braziliense,
Doce harmonia
Celebre a gloria
Do eterno dia,
Que enche de pasmo
O mundo inteiro,
E faz o orgulho
Do brasileiro.
Dia faustoso,
Dia sem par,
Eternamente
Nos céos da patria
Has de brilhar !

HYMNO MARCIAL

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

Valentes guerreiros
Que a fama buscais
E as armas alçais
A novo esplendor.

*Mostremos ao mundo
Bravura, energia,
A patria confia
No nosso valor.*

O' vós, que aos clamores
Da patria correstes
E nada temestes
No heroico fervor.

Mostremos, etc.

E vós que seguindo
As novas bandeiras,
Antigas fileiras
Deixastes sem dôr.

Mostremos etc.

Ouvi de Bellona
O grito, que entôa.
Ao longe já sôa
Da guerra o fragor.

Mostremos etc.

Se vive na fama
De heróes a memoria,
Salvou-os a gloria
Do tempo ao furor.

Mostremos etc.

Que horror nos combates
Que p'rigo no assalto,
Mas falla mais alto
O bellico ardor.

Mostremos, etc.

Os chefes zelosos
Nos vão excitando,
Marchai a seu mando
Sem susto ou temor.

Mostremos, etc.

Fiel disciplina
De Marte é divisa.
Seguir-se é preciso
A voz sup'rior.

Mostremos, etc.

A mão bemfeitora
De Pedro immortal
Quiz ser liberal
Em vosso favor.

Mostremos, etc.

Os seus beneficio
Nos peitos guardai,
E gratos lhe dai
Mil provas de amor.

Mostremos, etc.

Em vós o guerreiros,
A patria descança,
Da sua esperança
Vós sois o penhor.

Mostremos, etc.

Por vós não receia
 Inigos alfanges,
 Nem teme as phalanges
 De injusto oppressor.

Mostremos, etc.

Da esposa e das filhas
 Quem guarda o direito
 Não teme o seu peito
 Aos tiros expôr.

Mostremos, etc.

Corramos á gloria
 Que assim nos convida
 Mais vale que a vida
 Da patria o lovor.

Mostremos, etc.

19 de Agosto de 1822.

HYMNO BRAZILIENSE

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

Parabens, ditosos filhos
 Do brazilico hemispherio,
 Vossa patria, novo imperio
 Ergue a fronte sem temor.

*Jura o povo brasileiro
Dar contento os bens e a vida
Pela patria tão querida,
Pelo grande imperador.*

Os tyrannos intentavão
Lançar ferros ao Brazil
Mas um peito varonil
Lhes rebate o vão furor.

Jura o povo, etc.

Por mil leguas os limites
Este imperio ao longe estende,
Seus direitos lhe defende
Pedro o anjo protector.

Jura o povo, etc.

Pedro existe á nossa frente,
O triumpho está seguro :
E' da patria o forte muro
Seu denodo e seu valor.

Jura o povo, etc.

Já nação a par das outras
O Brazil assombra o mundo,
Ruge a inveja, e no profundo
Vai sumir a immensa dôr.

Jura o povo, etc.

Sábias leis espera o povo
 Da brazilica assembléa
 De cem luzes a rodeia
 Brilhantissimo esplendor.

Jura o povo, etc.

Aos conselhos seus presida
 Zelo ardente, sã prudencia,
 Firmam nossa independencia
 Contra as furias do aggressor.

Jura o povo, etc.

Vinde, ó povos, n'este dia
 Contemplar a patria cara,
 Seu destino lhe prepara
 No universo o gráo maior.

Jura o povo, etc.

HYMNO DO BATALHÃO DO IMPERADOR

POESIA DE EVARISTO DA VEIGA

Hoje a patria é quem vos chama,
 O valentes brazileiros,
 E do ferro dos guerreiros
 Vossos braços vem armar.

*Bravos filhos de Mavorte.
Já no campo estais da gloria,
Vamos, vamos à victoria,
Combater e triumphar.*

Do Brazil a mãe primeira,
Formosissima Bahia,
Da feroz aleivosia
Quer os vis grilhões quebrar.

Bravos filhos, etc.

Do Janeiro sobre as margens
Seus clamores escutastes,
Desde logo alli jurastes
Os seus muros libertar.

Bravos filhos, etc.

Eis da guerra o clarim sôa
E a triumphos mil nos chama,
Negra furia que rebrama
Não nos pôde intimidar.

Bravos filhos, etc.

Lá nos tece a patria c'roas
Nossa patria, o grão Brazil,
Que sublime e senhoril
Vai dous mundos assombrar.

Bravos filhos, etc.

Lusas quinas enfiadas
Da soberba em vituperio
Vêm de novo augusto imperio
As estrellas fulgurar.

Bravos filhos, etc.

Pedro a nossa independencia
Sôbre base pôz segura,
As promessas da impostura
Não nos hão de fascinar.

Bravos filhos, etc.

Pedro firma o throno egregio
Em valentes, livres peitos,
Sua gloria illustres feitos
Deve a todos inspirar.

Bravos filhos, etc.

Appareça n'estes lares
Sacro-sancta liberdade:
O egoismo, a vil maldade,
A seus pés hão de expirar.

Bravos filhos, etc.

Já nos céos fuzilão raios,
Chega o dia de vingança,
O vislumbre da esperança
Vai nos monstros acabar.

Bravos filhos, etc.

HYMNO A' CONSTITUIÇÃO DO IMPERIO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUSA E SILVA

*Musica da patria o grito.**Viva a brazilia
Nobre nação!
Salve, ó divina
Constituição !...*

Constituição, eis o dia
Que te consagra o Brazil
Por ti caminha ao progresso
Este povo varonil

Viva, etc.

Salve, ó carta soberana
Da brasilia liberdade,
Pacto de amor e concordia
Entre o povo e a magestade

Viva, etc.

A suprema liberdade
Co' o propria mão te escreveu
Sobre as azas prateadas
De um anjo vindo do céu.

Viva, etc.

Lá sobra os Andes sentado
 Em seu throno alabastrin
 Coroam-lhe vinte estrellas
 Com esplendor diamantino

Viva, etc.

Seus pés, que algemas pizam,
 Se dilatam d'ouro as zonas
 Submissos se deslizam
 Alvo Prata, aureo Amazonas.

Viva, etc.

Enorgulha-se o gigante
 Esmero da natureza
 Parabens, Brazil! O mundo
 Pasma da tua grandeza!

Viva, etc.

HYMNO NICTEROYENSE

PARA SER CANTADO NO ANNIVERSARIO DA ADHESÃO NIC-
 THEROYENSE A CAUSA DA INDEPENDENCIA NACIONAL

Poesia de J. Norberto de Sousa e Silva

Nictheroy! Eia, desperta.
 Tu tens um dia de gloria,

Digno de eterna memoria
 Nos annaes de uma nação.
 Ah ! indolente não durmas
 Sobre as flores destas plagas,
 Ao sussuro destas vagas
 Como em morta solidão.

*Festivo canto
 Celebre a gloria
 Do dia digno
 De alta memoria*

Desperta ! Relembra a historia
 Da sagrada independencia;
 Memora a fera insolencia
 Do valente general.
 D. Pedro ante ti velava ;
 E teus filhos te guardavam,
 Que anciosos esperavam
 De combater o signal.

Festivo, etc.

Qual tormenta que vem vindo
 E traz espesso negrume
 E tolda do sol o lume
 E derrama susto... horror...
 Assim Avilez armado
 Ante ti se apresentava
 Seu estandarte ondulava
 Entregue á morte e ao pavor!

Festivo, etc.

Mas parabens ! Tu vencestes
Sem que sangue derramasse,
Sem que em sangue nodoasse
O teu mimoso torrão ;
A tua attitude armada
Impoz silencio e respeito
Ao inimigo que affeito
Já era ao campo de acção.

Festivo, etc.

Ei-lo que lá se retira
Em as naus, soltando ao vento
As velas, que em salvamento
A' patria sua o conduz.
No teu limpido horizonte
Raia o sol da liberdade,
E esparge na immensidade
Divinal, eterna luz.

Festivo, etc.

E pois, croada de flores,
Cheia de orgulho e ufania
Memora este grande dia,
Oh faustosa Nictheroy!
Entoa alegre e festiva
Com a tua mocidade
Mil hymnos á liberdade,
Mil vivas ao grande heroe.

Festivo, etc.

O HYMNO DAS ARTES

POESIA DO BARÃO DE S. ANGELO, MUSICA DE
F. M. DA SILVA

Aos olhos do artista
— A luz da harmonia,
A terna belleza
— Se abriu neste dia.

Do chão se levanta
— A argila grosseira,
E aos astros se eleva
— A grimpa altaneira.

Na rustica pedra
— O duro martello
Batendo, converte-a
— Na imagem do bello.

Na téla vazia
— Anima-se a historia,
Revive o passado,
— Duplica de gloria.

O genio é reflexo
— Da luz divinal,
Como ella divino,
— Como ella immortal.

HYMNO DAS ESCOLAS DE INSTRUÇÃO PRIMARIA

POESIA DE J. NORBERTO, MUSICA DE MOREIRA.

Fluminenses! Estudemos,
Estudemos noite e dia
Com ardor e ufania,
Para a nossa illustração.

*Quem mais entre nós estuda
Mostra mais emulação,
Tem mais jús dos seus patricios
A' santa veneração.*

Estudemos sempre honrando
A' suprema Divindade,
A' brasilica Liberdade,
A' patria Constituição.

Quem mais, etc.

O céo nos dá o talento
Ao céo pois o supliquemos
Porém a Patria louvemos
Que nos dá prima instrucción.

Quem mais, etc.

Avante!.. Em porvir remoto
Talvez brilhe nossa fama,
Que a Patria de nós reclama
Honra, gloria e illustração.

Quem mais, etc.

CANÇÕES

CANÇÃO DA VIVANDEIRA

MUSICA DE J. S. ARVELLOS

Ai! que vida que passa na terra
Quem uão ouve o rufar do tambor,
Quem não canta na força da guerra
Ai amôr, ai amôr, ai amôr.

Quem a vida quizer verdadeira
E' fazer-se uma vez vivandeira.

Só na guerra se matão saudades
Só na guerra se sente o viver,
Só na guerra se acabão vaidades
Só na guerra não custa a morrer.

Ai que vida, que vida, que vida,
Ai que sorte tão bem escolhida.

Ai que vida que passa na guerra
Quem pequena na guerra viveu,
Quem sózinha passando na terra
Nem o pai, nem a mãe conheceu.

Quem a vida quizer verdadeira
É fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida esta vida que eu passo
Com tão lindo gentil mocetão,
Si eu depois da batalha o abraço
Ai que vida pra meu coração.

Que ternura cantando ao tambor
Ai amor, ai amor, ai amor.

Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim,
E depois, só depois da batalha
Vê-lo salvo, cantando-me assim:

Entre as marchas fazendo trincheira
Mais te amo gentil vivandeira.

Não me assustão trabalhos da vida
Nem as balas me fazem chorar,
Ai que vida, que vida, que vida.
Esta vida passada a cantar.

Qu'eu lá sinto no campo o tambor
A falar-me meiguices de amor.

Mas deixemos os cantos sentidos
Estes cantos do meu coração,
E prestemos attentos ouvidos
Ao laplão, rataplão, rataplão.

Ao laplão, rataplão que o tambor
Vai cadente fallando de amôr.

A VARIANTE

(DA POESIA PROCEDENTE)

Ai que vida, esta vida que passo
Com tão lindo, e gentil mocetão,
Ao depois da batalha um abraço...
Ai que vida p'ra meu coração.

*Ai que vida que passa na terra
Quem não ouve rufar o tambor ;
Quem não canta na força da guerra
Ai amôr, ai amôr, ai amôr.*

Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim !
Ao depois, só depois da batalha
E' que vejo meu bem junto a mim.

Ai que vida, etc.

Não me assustão trabalhos da vida,
Nem as ballas me fazem chorar ;
Ai que vida, ai que vida ; ai que vida,
Esta vida se passa a cantar !

Ai que vida, etc.

Só na guerra se matão saudades,
Só na guerra se sente o viver,
Só na guerra se acabão vaidades
Só na guerra não custa a morrer.

Ai que vida, etc.

Nós deixamos os cantos sentidos,
Esses cantos do meu coração ;
Mas prestamos attentos ouvidos
Ram tam plam, ram tam plam, ram tam plam.

Ai que vida, etc.

Ai que vida que passa na guerra
Quem na magoa em pequena viveu !
Quem sósinha passando na terra
Nunca pai, nunca mãi conheceu !

Ai que vida, etc.

CANÇÃO DO ARTISTA.

POESIA DE A. J. DE SOUZA, MUSICA DE A. L. MOURA

Curvado em luta constante
Da vida c'o as incertezas,
Geme o artista infeliz
Da sorte soffre as cruezas.

*Chorando—contado !
Da sorte ao rigor:
Seus bens são o pranto
Seus gozos—a dôr.*

Apenas desponta o dia
Corre veloz ao trabalho,
A noite longa já vai
Não busca doce agasalho.

Chorando, etc.

Quando quebradas as forças
Dorido quer repousar,
Cuidados mil que o anceião
Seu somno vem perturbar.

Chorando, etc.

Vê a esposa, os filhinhos
A's vezes faltos de pão,

Sem meios p'ra adquiril-o
Fugir-lhe sente a razão.

Chorando, etc.

No leito da dôr—às vezes
De tudo vê-se privado,
Qu'em vão procura o artista
Mudar o rigor do fado.

Chorando, etc.

Estranho vive—coitado !
Do mundo aos gozos mesquinhos,
O pobre artista por bens
Só tem corôas d'espinhos.

Chorando, etc.

Ate que em campa esquecida
Das lides acha o repouso,
Soffreu do mundo os desprezos
As dôres teve por gozo.

*Não mais do destino
Tem nada a temer,
O artista repousa
Sómente ao morrer.*

CANÇÃO DO CEGO

Deixem passar o mendigo
Quem a vista não perdeu :
Só me póde dar esmolas
Quem fôr cego como eu.

*Ah ! não deixes qu'eu me perca
N'esta immensa escuridão...
Oh ! anjo que me cegaste,
Vem ao menos dar-me a mão !*

Pensão que vejo, e não vejo,
Eu sinto que cego estou,
Do que servem os olhos,
Se a minha luz se apagou.

Ah ! não deixes, etc.

Já tive medo da morte,
Agora tenho da vida ;
Sinto minh'alma abatida,
Sem vigor o coração.

Ah ! não deixes, etc.

Já cansado de soffrer,
Para a morte os olhos lanço ;
Vejo nella o meu descanso,
A minha consolação.

Ah ! não deixes, etc.

Ao avistar-te, meu anjo,
A luz divina senti ;
Mas ao perder-te de vista
A luz dos olhos perdi.

Ah ! não deixes, etc.

Se eu cahir dá-me teus braços,
Ampara-me, anjo de Deus ;
Talvez recupere a vista
Cahindo nos braços teus !

Ah ! não deixes, etc.

CANÇÃO DO BERÇO

O ACALENTAR

(Poesia de D. Maria Thereza de Souza Silva, musica de ?...)

E' hora ! O sol escondeu-se,
Já não cantam passarinhos,
Mas repousam nos seus ninhos
Que fabricam em tanto amor !

Vem dormir pois, minha filha,
Até quando dia fôr !

Sobre o hombro meu reclina
Esse semblante innocente,
Cerra os olhos docemente,
Goza do somno o langor !

Dorme, dorme, minha filha,
Até quando dia fôr !

Dorme ! E a fada dos sonhos
Com teus encantos te afague !
Dorme ! E a illusão te embriague,
Que da vida estás no albor !

Dorme, dorme, minha filha,
Até quando dia fôr !

Amanhã, em o sol nascendo,
Amanhã, em aves trinando,
Tu despertarás gozando
Maternaes mimos de amor !

Dorme pois, oh minha filha,
Até quando dia fôr !

CANÇÃO DO VOLUNTARIO

POESIA DE ED. VILLAS-BOAS, MUSICA DE F. A. DA ROCHA

Eis o campo de todo coberto
De barracas soldados sem fim,
D'entre elles meu peito é deserto
Que saudade não soffro, ai de mim !

*Lembro a patria, onde distante,
Esposa e filhos deixei :
Desta guerra, onde ando errante,
Sabe Deus se voltarei !*

De manhã mal assoma a alvorada
Rufão caixas resôão clarins ;
E a tropa já toda formada
P'ra revista diurna, ai de mim !

Lembro a patria, etc.

Que perigos que temos no campo,
Que de vis emboscadas sem fim...
Quasi nelle, meu Deus, não acampo
Que a metralha não cessa ai de mim !

Lembro a patria, etc.

Quem me déra já finda esta guerra
Pr'a não 'starmos parados assim,

Ou morrera, ou voltava pr'a terra
Dende vim voluntario—ai de mim !

Lembro a patria, etc.

O ANJO DA SAUDADE

CANÇÃO DOS MARTYRES DA PATRIA, POESIA DE RIBEIRO
DE SAMPAIO, MUSICA DE CABRAL

Neste chão dos desenganos
Entre o pranto a dôr morreu,
O silencio sobre as campas
Seu denso crepe estendeu.

Aqui só ha um passado :
Triste noite sem aurora,
E ao pé da cruz debruçada
Afflicta a saudade chora.

Côro

Mas não chorão combatentes
Da patria filhos ardentes.

Avante, ó bravos,
Filhos da gloria,
Para a victoria
Marchai contentes ;

Vingai affrontas
De vis sicarios
Sois voluntarios,
Eia, ao combate.

Tantos sonhos cerceados
Nas flores da mocidade!
Tanta esperança cahida
No abysmo da eternidade.

O irmão, a mãe, a esposa,
Os amigos dedicados;
Nas campas dos voluntarios,
Resão nenias de finados!

Côro

Inda sonhão combatentes
Da patria filhos ardentes.

CANÇÃO DO MARINHEIRO

Triste vida é a do marujo,
Qual dellas a mais cançada,
Por amor á vil soldada
Passa tormentos (*bis*),
Don, don.

Andar ás chuvas e aos ventos
Quer no verão, quer no inverno,
Que parece o proprio inferno
Co'as tempestades (*bis*)
Don, don.

As nossas necessidades
Nos obrigão a navegar,
A passar tempos no mar
Em aguaceiros; (*bis*)
Don, don.

Passão-se dias inteiros
Sem se poder cosinhar,
Nem tão pouco mal assar
Nova comida, (*bis*)
Don, don.

Arrenego eu d'esta vida
Que nos dá tanta canseira;
Sem a nossa hebedeira
Não, não passamos (*bis*)
Don, don.

Quando descansados estamos
No rancho a socegar,
Então ouvimos gritar:
Oh! leva áriba (*bis*)
Don, don.

CANTIGAS PARA A MESA

A BACCHO E A AMOR

(Poesia de José Bonifacio, o velho, musica de ? ..)

Em brodio festivo
Mil copos retinam,
Que a nós não nos minão
Remorsos crueis.
Em jubilo vivo
Juremos constantes
De ser, como d'antes
A patria fieis.

A Baccho brindemos,
Brindemos a amor ;
Embora aos corcundas
Se dobre o furor.

Consocios amados,
Se a patria affligida
Por nós clama e lida,
Pois longe nos vê ;
Jámais humilhados
Ao vil despotismo,
No seio do abysmo
Fiquemos em pé.

A Baccho brindemos, etc.

Gritemos unidos
Em santa amizade :
« Salve, ó liberdade !
« E viva o Brazil ! »
Sim, cessem gemidos,
Que a patria adorada
Veremos vingada
Do bando servil.

A Baccho brindemos, etc.

A não combatida
Da tormenta dura
Furores atura
Do rabido mar :
Já quasi sumida,
Resurge, e boiando
Lá vai velejando,
Sem mais sossobrar !

A Baccho brindemos, etc.

Bem prestes, amigos.
Vereis vossos lares ;
Tão tristes azares
Jámais voltarão.
Os vis inimigos
Só colhem vergonha ;
E negra peçonha
Distillão em vão.

A Baccho brindemos, etc.

Se a patria nos ama,
 Amal-a sabemos ;
 Por ella estivemos
 O sangue a verter.
 Se a patria nos chama
 Iremos contentes
 Com peitos ardentes
 Por ella morrer.

A Baccho brindemos, etc.

Patricios honrados
 Aos ternos meus braços
 Em mutuos abraços
 A unir-vos correi.
 C'os copos alçados
 De novo juremos,
 Que amigos seremos...
 Já bebo, e beber.

A Baccho brindemos, etc.

A Venus fagueira,
 A Baccho risonho,
 Ninguem, por bisonho,
 Se esqueça brindar :
 Moafa ligeira
 Tomemos agora ;
 Amigos, vão fóra
 Tristeza e pezar.

A Baccho brindemos, etc.

O PONCHE DE CAJU'

POESIA DE NATIVIDADE SALDANHA

Do loiro cajú,
Analia, bebamos
O ponche gostoso
Que aviva o prazer ;
Mais grato que a ambrosia
Que jove no Olympo
Se apraz de beber.

Oh como é formoso
O pomo suave
Ao cheiro, ao podar !
Si pomos tão bellos
Atlanta gozára
Os d'ouro deixando
Nem quizera vel-os.

Triumphe Alexandre
No roxo oriente,
Que Baccho domou :
Deixal-o vencer ;
Analia, eu só quero
O ponche agridoce
Contigo beber.

LUNDUS

CHUCHAR NO DEDO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Ai de mim que amor me manda
Soffrer seu cruel brinquedo
Aos outros faz doces mimos
E cá eu chucho no dedo.

*Pobre de mim,
Ai coitadinho!
Fico chuchando
No meu dedinho.*

Todos os mais que amor servem
Tem seu premio, ou tarde ou cedo ;
Gostão das suas doçuras
E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Hei de me poupar amando
 Ir servindo sempre a medo,
 Porque os outros lambem tudo
 E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Tomára ser venturoso
 Ao menos em arremedo ;
 Porque os outros andão fartos
 E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Amor o inquieto amor
 Nunca mais póde estar quedo ;
 Mas aos outros accomoda
 E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Quem vir qu'eu já fujo a amor
 É que de amor já me arredo ;
 E' que trata bem a todos
 E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Ando de amor esfaimado
 Já o digo sem segredo ;
 Que dá aos outros razão
 E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Adeus eu me vou embora,
Até um dia bem cedo ;
Ficai-vos de amor fartando
E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Não quero de amor fallar
Porque de amor tenho medo ;
Poz-me o seu dedo na boca
E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

E ENTÃO ?

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Alzira formosa,
Desgraça foi ver-te,
Seguiu-se o render-te
O meu coração.

Amor de render-me
Achou o motivo,
Eu já sou cativo,
Eu amo ; e então ?
Então ?

Ao ver os teus olhos
Tão vivos, e bellos,

Eu tenho de vêllos
Maior ambição.

Por mais que eu os veja
Não farto a vontade ;
Eu tenho saudade ;
Eu amo ; e então ?
Então ?

Se a outrem voltada
Tu fazes carinhos,
Cíumes daninhos
Ferindo-me estão :

Mais triste me sinto
Do que se presume ;
Já tenho ciume ;
Eu amo ; e então ?
Então ?

A's vezes eu finjo
Os bens que eu mais quero ;
Fingindo eu espero,
Que os bens chegarão.

Vendo a tempestade
Espero a bonança ;
Já tenho esperança,
Eu amo ; e então ?
Então ?

Eu sinto nesta alma
Uma cousa nova,
Não tinha inda prova
Da doce paixão.

Do que outros dizião
Eu provo a verdade,
Isto é novidade,
Eu amo : e então ?
Então ?

CONSELHO AOS HOMENS

Amar a moça forniosa
E' muito bom, é gostoso,
Emquanto ella nos tributa
Amôr sincero extremoso.

Mas se ella nos finge
O que a alma não senté,
Se de outro os carinhos
Afaga e consente...

Então é tolice
Ser d'ella amador
Então meus amigos
Fujamos de amôr.

Amar a moça que é feia
A's vezes tambem é bom,
Se ella tem alguma graça,
Se é rica ou de grande tom !

Mas se ella sem graça
Seu corpo atavia,
Se é pobre e ser tola
Em tudo annuncia.

Então é, etc.

Amar a moça faceira
As vezes tem cabimento,
Se no olhar, se no sorriso
Revela discernimento.

Mas se ella é louquinha
No riso no olhar,
Se a todos namora
Para vêl-as penar...

Então é, etc.

Amar a moça que é fria,
Nem sempre é um grande mal,
Se c'o a preza repelle
Os planos d'audaz rival.

Mas se ella sem alma
O amôr desconhece,

Se nossos protestos
Despreza ou esquece...

Então é, etc.

Amar a moça da côrte
E' quasi sempre o melhor,
Se ella é modesta e poupada,
E é constante ao amôr.

Mas se ella só vive
Para festas gozar,
Se a moda idolatra
E só sabe gastar...

Então é, etc.

Amar a moça da roça
As vezes é preferivel,
Se não é afidalgada,
E tem um'alma sensivel.

Mas se ella orgulhosa
De seus cafesaes,
Os pobres despreza
E os julga animaes...

Então è, etc.

Amar a moça instruida
Nos pôde fazer feliz
Se a seu espirito illustrado
O proceder não desdiz.

Mas se ella illudida
 Por falsos principios,
 Nos cega e conduz
 A mil precipicios....

Então é, etc.

Amar a moça simploria
 E' boa cousa talvez,
 Se ella tem alguns instantes
 De amorosa lucidez.

Mas se ella em su'alma
 Affectos não tem,
 E até não destingue
 O mal nem o bem...

Então é, etc.

MUITO A MINHA ALMA SOFFREU

POESIA DE OLIVEIRA E MELLO

Amei de uma bella os olhos,
 Uns olhos da côr do céu;
 Por causa desses olhinhos
 Muito a minha alma soffreu.

*Feitiço, escuta
 Olha tu dênque,*

*Não mais me chames
Cacherenguéngue.*

Tenho visto olhares ternos,
Porem nenhum como o seu ;
Por causa desses olhares
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, etc.

Dei-lhe um mimo feito d'ouro,
Um formoso camapheu ;
Porem antes delle aceitar
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, etc.

Quando fallei-lhe em amôr.
Toda ella estremeceu,
Ao vel-a tremula de susto
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, etc.

Tomei-lhe as mãos sem pedil-as,
Uni-as ao peito meu,
Mas ao sentil-a raivosa
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, etc.

Meus carinhos, meus affectos,
Tudo ella aborreceu ;

Dessa ingrata que mentiu-me
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, etc.

Esse anjinho tão formoso,
Nunca o amor concebeu,
Todo o tempo que adorei-a
Muito a minh'alma soffreu.

Feitiço, etc.

OUVIR, VÊR E CALAR!

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

A minha cruel Nerina
Não me quer amor pagar,
Quer que eu posso assim soffrido
Ouvir e vêr e calar.

Quer só ella livramente
Com os outros conversar.
E qu'eu esteja do outro lado
A ouvir vêr e calar.

Hade a seu sabor Nerina
Suas acções regular,
Hei de eu inda que me offenda
Ouvir e vêr e calar.

Desarrezoados zellos
Hão de faze-la ralhar,
Eu ainda que rebente
Ouvir e vêr e calar.

Ha de fugir do meu lado
Ir-se ao dos outros sentar,
E hei de ficar mui quieto
A ouvir e vêr e calar.

Ha de pelo braço d'outrem
Ir vaidosa passear,
E eu sem dar o braço a alguma
Ouvir e vêr e calar.

Quem me em presta soffrimento
Para a seu gosto empregar,
Já não tenho paciencia
De ouvir e vêr e calar.

AIS DE AMOR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA.

Amor, ai amor eu morro ;
Eu não posso viver mais :
Vão-me consumindo a vida
Os meus repetidos ais :

*Amor basta, basta,
Não me firas mais;
Se meus ais desejas,
Aqui tens meus ais.*

A minha ingrata despreza,
Da minha dor os sinais
Meus ais lhe dizem que eu amo
Ella não ouve meus ais :

Amor, etc.

A minha paixão occulto
Com medo dos meus rivaes ;
E solto por desafogo
Medrosos afflictos ais :

Amor, etc.

Por mais que busco em seu rosto
Da compaixão os sinais ;
Nem se turba, nem se inclina
Ao triste som dos meus ais :

Amor. etc.

Olhos crueis, porém lindos,
Que os meus olhos cativais ;
Recebei o meu tributo,
O meu tributo são ais :

Amor. etc.

Quando por minha desdita,
Em outros vos empregais ;
Corre dos meus triste pranto,
Voão do peito meus ais :

Amor, etc.

Se de ver-me padecer ;
Olhos crueis vós gostais ;
Unindo-me a vosso gosto,
Darei por gosto meus ais :

Amor, etc.

Ah! poupai-me, olhos crueis,
Que a minha vida gastais ;
Eu a sinto pouco a pouco
Desfazer-se nos meus ais :

Amor, etc.

Se por soberba crueis
Teimosos me maltratais ;
Póde amor ainda um dia
Vingar desprezados ais :

Amor, etc.

Basta cruel não me queixo,
Não quero, affligir-me mais ;
Irei para muito longe
Esconder meus tristes ais :

Amor, etc.

ZABUMBA

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Amor ajustou com Marte
Vãos Mancebos alistar,
Um lhes dá trabalho honroso,
Outro os faz rir e zombar :

*Tan, tan, tan, tan, tan, Zabumba
Bella vida Militar;
Defender a Lei e a Patria
E depois, rir e folgar.*

Toca Marte a Generala,
Vai as armas aprestar;
Amor tem prazeres doces,
Com que os males temperar :

Tan, etc.

Oiço o rufo dos tambores,
Já d'ali toca a marchar;
Os adeozes são apreça,
Não ha tempo de esperar;

Tan, etc.

Vai passando o regimento
E as meninas a assenar;
Vão as armas perfiladas,
Mal se póde a furto olhar :

Tan, etc.

A mochila, que vai fôfa
Pouco leva que pezar ;
Pouco pão, e pouca roupa
Mas saudades o fartar ;

Tan, etc.

A cidade que é de Lona
Vejo apreça levantar ;
Poem-se as armas em sarilho
Vai a tropa descansar

Tan, etc.

Vigilantes sentinellas
Vejo alerta passear ;
Quem vem lá ! Quem vai ! faç'alto
Sompre *alerta* ouço gritar

Tan, etc.

Vejo alegres camaradas
Os baralhos apromptar ;
Parão, topão, sujo cobre
A perder, ou a ganhar

Tan, etc.

Da-se um beijo na borracha,
Lá vão brindes a virar ;
E co'a publica saude
Vai tenção particular :

Tan, etc.

Vem quartilho, vai Canada
 Toca emfim a emborrachar ;
 A cabeça bambaleia,
 Ali ouço resonar :

Tan, etc.

Corre o que vigia o campo
 Vem perigo annunciar ;
 Peg'as armas, peg'as armas,
 Dobra a marcha, e avançar :

Tan, etc

Uma brigada em columnas
 Marcha a outra a obliquar,
 Os contrarios fazem cara
 Toca o morrer, e a matar :

Tan, etc.

Ja fuzilia a artilharia
 Sinto as ballas sibilar ;
 Nuvens já d'espesso fumo
 Vão a luz do sol turbar :

Tan, etc.

Oiço o bum, bum bum das peças
 Vejo espadas lampejar ;
 Lá vão pernas, lá vão braços,
 Lá cabeças pelo ar :

Tan, etc.

A batalha esta ganhada
Vão o campo saquear ;
Vem bandeiras arrastando
Toca emfim a retirar .

Tan, etc.

Venha a nós, viva quem vence
Quem morreu deixal-o estar :
E da patria no regaço
Os heroes vem descansar

Tan, etc.

Os que salvão da peleija
Vem a amor as graças dar ;
E em signal de sua gloria
Juntão flores ao cocar :

Tan, etc.

Os olhos, que virão tristes
Vem agora consolar ;
A saudade se esvoaça,
Torne a pösse ao seu lugar :

Tan, etc.

Vem familia, vem vizinhos
Boa vinda festejar ;
E da boca gloriosa
Grandes couzas escutar :

Tan, etc.

Déspe a veste, mostra o peito ;
Quer sizuras procurar ;
Mas o tempo sarou tudo,
Nem signal se pôde achar :

Tan, etc.

Que affrontou sempre os perigos
Gentil dama hade escutar ;
S'estimou guardar a vida,
E' só para lh'a entregar :

Tan, etc.

Um merecimento novo
Tem de novo a apresentar,
Vem mais rico de esperanças,
Tem despachos que esperar :

Tan, etc.

Hade ter a fita verde
De uma ordem militar ;
Soldo em dôbro por trez mezes
Que a senhora hade gastar :

Tan, etc.

Não creias meninas nestes,
Não é certo o seu amar ;
Costumados sempre a marcha
Até amão a marchar :

Tan, etc.

TENHO MEDO DO PAPÃO !

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Amor nasce pequenino
Faz-se logo tamanho...
Tamanho que mette medo...
Tenho medo do papão

Traz n'uma mão o seu arco,
As setas na outra mão ;
Tenho medo que me fira...
Tenho medo do papão.

Põe nos olhos certo engodo,
E na voz certa attracção ;
Assim prende a pobre gente...
Tenho medo do papão.

Inda me lembra algum dia
Que arrastei o seu grilhão ;
Os signaes inda me dóem...
Tenho medo do papão.

Amor faz-se rouxinol,
Canta e papa coração ;
Não quero que o meu me pape...
Tenho medo do papão,

A CORDA SENSIVEL

POESIA TRADUZIDA POR PAULA BRITO

Ao Deus de amor nada é impossivel,
E delle tudo se deve esperar,
Que das mulheres a corda sensivel
Ou tarde ou cedo se faz vibrar.

Toda a loureira é accessivel
Mas sempre áquelles que lhe pôdem dar :
Dellas é fraca corda sensivel
Carro, vestido, brinco ou collar.

E' a burgueza mais susceptivel
Certa reserva quer ostentar ;
Porém vibrada a corda sensivel
Assim se deixa tambem levar.

Diz-se a fidalga sempre inflexivel
Lições de orgulho buscando dar
Mas a dourada corda sensivel
Do simples dedo cede a tocar.

A bailarina é combustivel
Que o peito em chamma faz abraçar ;
São della a extrema corda sensivel
Carro ou almoço, ceia ou jantar.

Bella criada, se disponivel
Do joven amo se julga estar ;

Toca-lhe a bella corda sensível
O que, brincando, lhe querem dar.

Moça beata, que um impossivel
Fôra das preces a separar,
Se alguém lhe vibra a corda sensível
Nem mais da igreja se quer lembrar.

Pura innocencia é que é temível
Fazer de amor, no jogo entrar ;
Pois da intacta corda sensível
Todos ignorão onde o lugar.

Comtudo á sorte nada é impossivel,
E de amor tudo se deve esperar ;
Que das mulheres a corda sensível
Ou tarde ou cedo se faz vibrar.

AONDE VAE, SR. PEREIRA DE MORAES

(LUNDU')

Aonde vae, Sr. Pereira de Moraes ?
Se você vai não vem cá mais :
As mulatinhas só dando ais,
Fallando baixo pr'a metter palavriaes ;
Mettendo o pente para abrir a liberdade ;
Fazendo sigas aos demonios das rivaes ;

Saias na gomma p'ra os recheios e fafás,
Se você vae não vem cá mais.

Mulatinhas falladeiras,
Renegadas do diabo,
Me roubarão meu dinheiro
Me deixarão csmolambado.

Ora meu Deus,
Ora meu Deus ;
Qu'estas mulatinhas
São peccados meus.

O CAPITÃO MATA MOUROS

Aqui venho meus senhores
Certo de vossas bondades,
Contar-vos mil novidades
De meu posto altos penhores.
Ficai sendo sabedores
Do que é este capitão,
Amoroso e valentão
Como ninguem pôde ser ;
Emfim para tudo dizer
Ronque lá o rabecão.

No joguinho do bilhar
Sou fallado em todo o mundo,
Porque o sei tanto ao fundo
Que a dormir o vou jogar ;

Eu posso carambolar
Em cem bolas de uma vez,
Posso formar um xadrez
Na volta da carambola,
Formo emfim uma gaiola
Como ninguem nunca o fez.

Sou sublime na caçada
Pois mato aráras á croque,
Mato lobos, a bodoque,
Gafanhotos á estocada
E camellos a pedrada ;
Quando me dá cá na veia
Com um punhado de areia,
Mato méros e robalos
E até com estes estalos
Já pesquei uma baleia.

Eu já tive por bastão
O tronco d'uma mangueira,
Já tive por cabelleira
Enchimento de colchão ;
Por ter firme o' coração
E ser no amor muito affeito
A uma dama de geito
Com paixão como não vi
Dez annos eu trouxe aqui...
Como alfinete de peito.

Tudo quanto tenho exposto
Passará por caçoada,

Assim não direi mais nada
 Para não vos dar desgosto ;
 Vou cumprir deste meu posto
 O que nelle muito abunda,
 Com figura tão jocunda
 Não me posso demorar.
 Pois vou patrulhas rondar
 Da Armação ao Quebrabunda.

ARRE LA' NÃO ME AMOFINE

Arre lá, não me amofine
 Com tamanha impertinencia ;
 Não goza mais meu amor,
 Tenha santa paciencia.

*Eu gosto de quem não tem
 Coração p'ra muita gente,
 Gosto de quem quando falla
 Não é fingida, não mente.*

Não avive estes olhinhos
 Para ver se me captiva ;
 Uma vez já me enganou ?
 Pois sem mim agora viva.

Eu gosto, etc.

Se você não me queria
 Me dissesse á vez primeira :

Agora—não tem café,
Não caio na ratoeira.

Eu gosto, etc.

Suppunha talvez você
Que um bôbo como eu achasse ?
Se me amava e me queria
Sorrindo não m'enganasse.

Eu gosto, etc.

A LAVADEIRA

PARÓDIA

A senhora Josephina,
Lavadeira improvisada,
Por ser muito preguiçosa
Nunca deve ser lembrada.

Lavadeira sem asseio,
Traz-me a roupa mal lavada,
Encontro sempre uma peça
Sem coser, esfrangalhada.

Com ella, nunca andei bem,
Ao contrario mui zangado ;
Por não me córar a roupa
E ir ver o namorado.

Lava a roupa mal lavada,
Sempre faltando botões,
Chuchando-me em cada peça
Um *bond* de dous tostões.

Quiz um dia exp'rimentar
Porque era descuidada,
Sempre trazia-me a roupa
Muito mal ensaboada.

E' lavadeira imperfeita,
Que, para poupar sabão,
Bate-me a roupa a cacete
Como se fosse um surrão.

Afinal me declarou
Que amor não me votava,
E que só de seus amantes
Suas roupas bem lavava.

E' lavadeira imperfeita,
Lava a roupa mal lavada,
Muito incerta pelo rol,
Mal cirzida e ponteada.

A LAVADEIRA

MUSICA DE ALMEIDA CUNHA

A senhora Josephina,
Lavadeira empavonada,
Por ser muito carinhosa,
Deve ser sempre lembrada.

E' perita lavadeira,
Lava a roupa bem lavada :
Muito certa pelo rol
Bem serzida e ponteada.

Com ella nunca eu briguei,
Por causa de minha roupa ;
Quer no preço, quer na paga,
Meu dinheiro sempre poupa.

Lava a roupa bem lavada,
Sem faltar um só botão,
Não levando pela roupa
Nunca mais de—um tostão.

Quiz um dia exp'rimentar
Porque era tão zelosa,
E tinha tantos caprichos,
Em seu todo tão dengosa.

E' perita lavadeira,
Lava a roupa sem sabão,

Não levando pela peça,
Nada mais que—um tostão.

Afinal me declarou
Que a roupa só lavava,
D'aquelles a quem devia
E a mim, porque me amava.

E' perita lavadeira,
Lava a roupa bem lavada ;
Muito certa pelo rol,
Bem serzida e ponteada.

Agora não lava mais,
Já não é mais lavadeira ;
Foi morar em nossa casa,
E' a minha companheira,

Lava a roupa bem lavada,
Engomma com perfeição ;
Nunca me levou dinheiro,
E me deu seu coração.

A LOUQUINHA

POESIA DE FONTENELLE

A travessa Joanninha,
Que se chamava *a louquinha*,

Por andar sempre a brincar,
Ouvio alguém lhe fallar :
— Vem cá, mimosa florinha,
Deixa-me um beijo te dar.

E a travessa Joanninha,
Que se chamava *a luquinha*,
Por andar sempre a brincar,
Responde:—Quer me beijar?
Não custa, a igreja é vizinha,
Vamos ao padre fallar.

BRAZILEIRA, TEU SEMBLANTE...

Brazileira, teu semblante
No mundo não tem igual,
Brazileira, é qual a rosa
Teu semblante virginal!

Teus lindos, negros cabellos,
São puros, finos, sedosos,
Teus olhos, oh! que feitiços!
Não s'encontrão mais formosos!

Tua boca delicada
Tem da meiguice o sorrir,
De fino marfim ornado
Ella mostra reluzir.

Tuas faces de beijar
São mais puras que o setim,
Diviso n'ellas brincando
O jambo, a rosa, o jasmim.

O teu colo, ó virgem minha,
De brancura amorenada,
Que só tem a brazileira
De ser gentil engraçada.

As tuas mãos tão mimosas
Quem melhor as tem assim !...
O brilho da linda cutis
Bem parece o do setim.

O teu corpinho é delgado
Oh! mulher celestial!
O teu pézinho mimoso
Não póde encontrar rival!

Enumerar-te as perfeições
Jámais póde o trovador ;
Nem mesmo sei, minha bella,
Se és estrella, anjo de amor !

Só me é dado confessar-te
Vinte ou trinta vezes mil,
Que uma creatura assim
Deus só fez para o Brazil.

Se te moves, me arrebató,
Se tu paras eu desmaio ;
Quer parada, quer andando
E's de amor um doce raio.

O CARANGUEJO

(LUNDU')

Caranguejos andão ao *atá*
Procurando a sua entrada,
Veio seu mestre *titio* (ai uê),
Fez dos caranguejos cambada.

Depois das cambadas feitas
Sahio pr'a rua gritando :
Chega, chega, freguezia (ai uê)
Vai caranguejo, *sinhá!*

Moças pobres que o vêm chamão,
E vão logo a perguntar :
Quanto custão os caranguejos (ai uê)
— Meia pataca, *sinhá!*

— Mestre *titio*, me diga,
O seu nome como é ?
— *Sinhá* pr'a que qué sabê (ai uê)
Yo mi chama pai Manué!

— Pois pai Manoel *vosmencê*
Vá dar um passeio ligeiro,
E quando vier de volta
Venha buscar seu dinheiro.

Moça leve os caranguejos
E deite-os a cosinhar,
Que o mestre titio não tarda
O seu dinheiro a buscar.

Palavras não erão ditas
Na porta o preto bateu,
Pergunta a moça—*quem é?*
Responde o preto :—*sô yeu !*

A moça veio de dentro
Dizer que agora não tinha
Dinheiro para lhe dar,
Que seu marido já vinha.

Então o preto zangou-se
Ficou branco qual marfim
E quando pôde fallar (ai uê)
Começou dizendo assim :

— Sinhá não sabia
Que yo era captivo,
Que tem ri-dá conta
Di o mi captivêro?
Nô qué zi caróte
Dacá mya rinhêro.

SOU INFELIZ

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Chamão-me ingrato
Mente o que o diz,
Não o sei ser
Nem nunca eu quiz.

*Sabe o que sou ?
Sou infeliz.*

Negras lisonjas
Mentiras vis,
Não sei dizel-as
Nem nunca eu quiz.

Sabe, etc.

Usar de enganoso
Traças subtis,
Não é meu genio
Nem nunca eu quiz.

Sabe, etc.

Se Arminda é varia
Diz, e desdiz,
Tomar-lhe a moda.
Nunca eu tal quiz.

Sabe, etc.

Quiz merecel-a
 Quiz ser feliz,
 Mas constrangel-a
 Nunca eu tal quiz.

Sabe, etc.

Só de adoral-a
 Me satisfaz,
 Premio forçado
 Nunca eu tal quiz.

Sabe, etc.

Ella deixou-me,
 Seu modo o diz,
 Eu não a deixo
 Nunca eu tal quiz.

Sabe, etc.

MÃI BENTA

Coitadinho como é tolo
 Em cuidar que eu lhe adoro;
 Por me vêr andar chorando,
 Sabe Deus por quem eu choro!

— Mãi benta me fia um bolo
 Minhas candongas,

— Não posso Sr. tenente
Minhas candongas,
Que os bolos são de ya-yá,
Minhas candongas,
Não se fião a toda a gente,
Minhas candongas,
Porque tem muitos temperos,
Minhas candongas,
Assucar, manteiga e cravo,
Minhas candongas,
E outras coisinhas mais,
Minhas candongas,
Bolinhos de qui-lê-lê,
Minhas candongas,
Ponto de admiração,
Minhas candongas,
O' gente Manué,
Minhas candongas,
Está quente, sinhá, bem quente !

Você se anda gabando
Que foi que me deixou,
Póde ficar na certeza
Que muita cinza levou.

— Mãi Benta me fia, etc.

A COR MORENA

POESIA DE UMA FLUMINENSE, MUSICA DA MORENINHA

Côr morena delicada
Apreciada,
E's por muitos com razão ;
Pois por ti, tambem eu sinto,
Ah ! não minto,
Quanto póde uma paixão.

Tem tal côr tanta gracinha
Sinházinha,
Que só por gracinha prende,
E seguro em tal prisão
O coração,
Inda mais culto lhe rende.

E' gentil a moreninha
Engraçadinha,
Muito viva e artilosa ;
E se mais travessa é ella
E' mais bella,
E' mil vezes mais formosa.

Mas eu que os versos faço
Dou um passo,
Que parece mangação ;
E aposto que a sinhá
Linda yáyá
Crê-me um bello mocetão.

Pois não sou minha senhora,
 E sem demora,
 Desfaço este enganoso; ;
 Amo sim a vossa côr
 E com ardor,
 Mas por ser de meu bemzinho.

Eu gosto d'um rapazinho
 Moreniinho,
 Também cheio de gracinha,
 Não lhe ganha em travessuras
 Diabruras,
 A mais viva moreninha.

E' a côr mais feiticeira
 Candongueira,
 Que creou a natureza;
 E a ti que tens tal côr
 Meu amor,
 Juro amar-te com firmeza.

TAPE, TEPE, TIPE, TI

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Coração, que tens com Lilia?
 Desde que seus olhos vi,

Pulas, e bates no peito,
Tape, tepe, tipe, ti :

*Coração não gostes d'ella ;
Que ella não gosta de ti.*

Quando anda, quando falla,
Quando chora, quando ri ;
Coração, tu não socegas,
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

Já te disse, que era d'outro ;
Coração, não te menti ;
Mas tu, coitado! te assustas,
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

Aquelle modo risonho
Não é, nem foi para ti ;
Basta, louco, e não estejas
Tape, tepe, tipe, ti .

Coração, etc.

Um dia que me affagava ;
Zombava, eu bem percebi,
Era por gostar de ver-te
Tape, tepe, tipe, ti.

Coracão, etc.

'Coração, tu não me enganes,
 Todo o teu mal vem d'alli ;
 Tu palpitando te explicas,
 Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

E' amavel, mas não ama ;
 Eu já mesmo to adverti ;
 E tu mui nescio teimando,
 Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

Se tu leres nos seus olhos,
 O que eu com meus olhos li ;
 Talvez te não cances tanto,
 Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

TENTAÇÃO

POESIA DO DR. QUEIROGA

C'os pés d'entro d'agua, que alli cobrejava
 Dos buritys frescos por entre os palmares
 Lalá desgrenhada, descalçava, brincava
 Qual fada querida d'aquelles lugares.

Tremendo eu lhe disse:— Lalá, olha, vamos
 « Passear lá no matto? De amores o demo
 Fez qu'ella me olhasse com o olhar supremo
 Que resta á belleza da qual triumphamos.

Enxuga os pésinhos na relva lasciva,
 De novo me encara sem tanto recato,
 E a bella faceira ficou pensativa...
 As aves cantavão no centro do matto.

Na sombra a cascata mugia saudosa,
 Por entre as taquáras Lalá me seguio,
 A bella menina selvagem, medrosa,
 Tremendo em meus braços por terra cahio.

QUANDO SEU BEM VAI-SE EMBORA

Cresce amor de dia em dia,
 Cresce amor de hora em hora,
 Cresce tambom a saudade
 Quando seu bem vai-se embora.

*Ternos ciumes
 Causa a saudade
 Nada mais firme
 Que uma amizade.*

Quem não percebe o amor
 Quem a paixão ignora,

Dá pouca força a saudade
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos, etc.

Um peito que firme ama,
Um peito que firme adora,
Sente pungir-lhe a saudade,
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos, etc.

Se o seu bem lhe visita,
Se está doente melhora;
Fica de novo doente,
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos, etc.

De seu bem com a presença
De indecisa treme e córa,
Verte seu pranto em segredo
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos, etc.

Quando o seu bem pede um beijo
Nego-lh'ó ella n'essa hora,
Mas chora não tel-o dado
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos, etc.

A rosa mais purpurina
De manhã não se colóra,
Como ella suspirando
Quando seu bem vai-se embora.

Ternos, etc,

RETRATO DE UMA MULA'TINHIA

POESIA DO DR. QUEIROGA

Crespa madeixa
Partida em duas,
As fontes tuas
Cercando assim,
Parece largo
Diadema airoso
De mui lustroso
Preto setim.

Que bem te assentão
Faces vermelhas
E sobranceiras
Côr de carvão!
Jaboticabas
Frescas, brilhantes,
Como diamantes
Teus olhos são.

Se a mim os volves
Amortecidos,
E derretidos
Em doce amor
As negras franjas
A custo abrindo,
E desparzindo
Terno langôr.

Ah! que então sinto
Um tão amavel,
Tão ineffavel,
Vivo prazer,
Que extasiado
No gozo activo
Se morro ou vivo
Não sei dizer.

Em tuas faces
Brilha serena
A côr morena
Do burity:
Teus labios vertem
Rosea frescura,
Cheiro e doçura
Do jatahy;

E quando os abres
Do rir o ensejo,
Perolas vejo
Entre coraes;

Como são bellos
Assim molhados !
De amor gerados
Me arrancão ais.

Para roubar-me
Cinco sentidos,
Tens escondidos
Certos ladrões
Dentro do seio,
Bem disfarçados
E transformados
Em dous limões.

A tua airoza
Bella cintura
O gosto apura
Em estreitar,
E o mais que á vista
O pejo occulta
Vontade exulta
Só de pensar.

Já que pintei-te,
Minha querida,
Venus nascida
Cá no Brazil.
Em premio dá-me
Muxôxos, queixas,
Quindins, me deixas,
E beijos mil.

AMOR BRAZILEIRO

PÔESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Cuidei que o gosto de amor
Sempre o mesmo gosto fosse
Mas um amor brasileiro
Eu não sei porque é mais doce .

*Gentes, como isto
Cá é temperado
Que sempre o favor
Me sabe a salgado
Nós lá no Brazil
A nossa ternura
A assucar nos sabe
Tem muita doçura
Oh se tem! tem...
Tem um mel mui saboroso ;
E' bem bom, é bem gostoso.*

As ternuras desta terra
Sabem sempre a pão e queijo
Não são como no Brazil
Que até é doce o desejo.

Gentes, etc.

Ah nhanhã venha escutar
Amor puro e verdadeiro

Com preguiçosa doçura
Que é amor de brasileiro.

Gentes, etc.

Os respeitos cá do reino
Dão a amor muita nobreza
Porém tirão-lhe a doçura
Que lhe deu a natureza

Gentes, etc.

Quando a gente tem nhanhã
Que lhe seja bem fiel
E' como no reino dizem :
Cahio a sopa no mel.

Gentes, etc.

Se tu queres que eu te adore
A' brasileira hei de amar-te
Eu sou teu e tu és minha
Não ha mais tir-se nem guarte.

Gentes, etc.

O MESTRE DE MUSICA

DUETTO

Dama

Dá licença, senhor mestre?

Mestre

Póde entrar, minha senhora.

Dama

Como passa, senhor mestre?

Mestre

Vou passando menos mal
Ora vamos, meu amor,
Venha dar sua lição;
Cante bem afinadinho
Faça o compasso com a mão.

Dama

Sim senhor já estou prompta
Mas precisa desculpar.

Mestre

Oh! pois não...

Dama

Porque estou bastante rouca
Não poderei bem cantar.

Mestre

Ora vamos, meu amôr, etc.
Não importa eu lhe desculpo
Vamos, e dê-me atenção,

Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si
Entendeis, minha menina
Esta minha afinação ?

Dama

Sim, senhor, entendo bem.

Mestre

Ora agora principie
Com justiça e promptidão

Dama

Fá, mi, dó, ré, fá, dó.

Mestre

Dó, dó, dó.
Na deixa, está perdida,
E não sei qual a razão
A tanto tempo que ensino
Cada vez peor lição...
Olhe, a boca bem aberta
Compasso bem prolongado
O nariz bem perfilado
Veja a minha posição.

Dama

Sim, senhor, eu principio
Eu careço solfejar
Mi, ré, fá, dó, fá, dó, lá.

Mestre

Qual, fá, dó. nem fá, dó, mi,
Vá outra cousa estudar,
Para a musica não tem geito
Outro officio vá buscar.

Dama

Sim, senhor, querido mestre
Eu lhe prometto estudar,
E se fôr do seu agrado
Um lundú eu vou dançar.

Mestre

Oh diabo, ella ahi vem
Com aquella tentação.
Pois sabe que não resiste
Meu sensível coração.

LUNDU'

Dama

Ora diga, senhor mestre
Não lhe agrada mais dançar,
Com geitinhos e requebros
Que até os céos faz chorar.

Mestre

E' tão bom é tão gostoso
Que se eu tivera pataca,

Toda a vida eu te diria
Corta, jaca, corta jaca.

Ambos

Bravo meu bem está de tremer.
Queijadas de côco
Pasteis de melado
Suspiros e ais
Do meu bem amado.

Sim é engraçado
Gostoso é morrer
Ligado a teus braços
A vida perder.

Bravo meu bem está de tremer, etc.

Oh! sinhà Maria olé
Olhe os porcos na cancella,
Se os porcos forem teimosos
Dê com elles na panella.

Dama

Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si
Até quando eu cá voltar.

Mestre

Adeosinho não s'esqueça
Da lição bem estudar.

Ambos

Bravo meu bem está de tremer, etc.
Oh! sinhã Maria olé, etc.

BEM-TE-VI

POESIA DE BITTENCOURT SAMPAIO, MUSICA DE ELIAS
LOBO

Debaixo deste arvoredos
Para te olhar me escondi ;
Tu passavas em segredo,
Cantei baixinho com medo :

Bem-te vi !

Quiz dizer-te atraz correndo :
— Morro de amores por ti !
Mas não sei porque tremendo
Fiquei parado dizendo :

Bem-te-vi !

Junto a fonte crystalina
Scismando chegaste alli ;
Sopra a brisa á camarina
Doce nome *Cipladina* :

Bem-te-vi !

E tu voltaste cantando,
E que voz tão meiga ouvi !
Fui então te acompanhando,
Foste andando

Bem-te-vi.

CAPENGA NÃO FORMA

POESIA DE ED. VILLA-BOAS, MUSICA DE R. PAGANI

Deram agora os *massadas*
 Dos *guardinhas* nacionaes,
 Em fazerem caçoadas
 Dos males que tem os mais.
 Mas que culpa tem a gente
 Se a perna se não conforma,
 Para ouvir gritar sómente
 O tal— *Capenga não fórma!*...

Por eu ser capenga
 Me não incommodo;
 A perna *mendenga*
 Cá ponho a meu modo:
 E s'algum gaiato,
 Já toma por norma
 Gritar, sem recato.
 — *Capenga não fórma!*
 Eu tomo a *gracinha*
 Por gran mangação,
 Dou geito á perninha,
 Mirando o ratão!

Esta *troça* começon,
 Que corre por tanta gente,
 Quando tudo aquartelou
 Para tirar-se o contingente.
 E foi tal o *soramleque*

Que houve lá na plata-fórma,
 Que não houve um só moleque
 Que não gritasse—*Não fórma!*

Melhor ! se não fórma
 Não é *escolhido* :
 Não tem a *reforma*,
 Nem é *dissolvido* ;
 A quem o *commanda*
 Não faz grande *arenga*,
 De trote não anda
 Porque é *capenga*
 No entanto o lindinho
 Janota ou *taful*,
 Não tendo *padrinho*
 Lá vai para o sul.

Se *capenga* fosse um vicio,
 Vergonha teria eu...
 Mas se é defeito... outro officio
 Cada um cuida do seu.

Eu sou *capenga*, mas quantos
 Sêl-o hoje *desejavam!*
 Co'a *perninha* dos *encantos*.
 P'ra o *Paraguay* não *marchavam*.

Emquanto o *capenga*,
 Cá 'stá *divertido*,

Sem medo na *árenga*
 De andar envolvido ;
 O bom, o bem feito,
 Na fôrma lá vai.
 Em pranto desfeito.
 Para o Paraguay :
 E emquanto o perfeito
 Se faz aleijado,
 Co'a perna a meu geito
 Cá fico deitado.

Emquanto muitos caçoam
 De eu ser capenga e *cambão*,
 Muitas bellas abençoam
 A quem fez-me este *aleijão*.

Eu brinco e folgo com ellas
 Com franqueza e demasia,
 Pois d'um capenga entre bellas
 E' tolo quem desconfia.

Capengas não *cantão*,
 Não *comem*, não *bebem*
 Cartinhas qu'encantam
 Não dão, não recebem ?
 Capengas não andam,
 Não *dansão en avant* ?
 Fieiras que abrandam
 Não pucham ao *kan-kan* ?
 Assim como ás pernas
 Lá buscam dar *geitos*,

Paixões, meigas, ternas,
Abrigam nos peitos.

Embora eu seja capenga
A perna me não diforma.
De possuir certa *denga*
Que comigo é só que fôrma.

Ella é toda de manejos
De estocadas, de galopes,
Eram, céus! os meus desejos
Ver ella atacar o Lopes!

O Lopes? quem disse?
Ficava perdido!
Apenas a visse
Ficava rendido.
Porém se não posso
Ter esse prazer;
Do doce amor nosso
Só devo viver.
Ella é a patrona
Do meu *cartuxame*,
Nos braços me abona
Me dá *correame*.

Dos males que á gente vem
Ninguem se queixe ou da sorte;
Talvez se eu pisasse bem
Já tivesse achado a morte.

Assim pois, poupe a gengivre
 Que boas as pernas tem,
 Porque ninguem está livre
 De ser *capenga* tambem.

Por isso o *capenga*
 Não anda escondido
 Nem na *lenga lenga*
 Se vê mais mettido ;
 Enquanto se aperta
 P'ra ir passear ;
 O bom lá deserta
 Para não marchar,
 E viva o *capenga*
 Que não se conforma,
 Co'a tal *lenga lenga* :
 — *Capenga não fóрма!*

E' MUNDO, DEIXA FALLAR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Depois que eu te quero bem,
 Deo o mundo em murmurar ;
 Porém que lhe hei de eu fazer ?
E' mundo deixo fallar.

*Não te enfades menina
 Deixa o mundo fallar.*

Sabes porque falla o mnndo,
E só por nos invejar ;
Elle tem odio aos ditosos,
E' mundo deixa fallar.

Não, etc.

As loucas vozes do mundo
Tu não debes escutar,
Pois que sem razão murmura.
E' mundo deixa fallar.

Não, etc.

Ouve só a quem te adora,
Que anda por ti a bradar ;
Dos outros não faças caso,
E' mundo deixa fallar.

Não, etc.

Menina, vamos amando,
Que não é culpa o amar ;
O mundo ralha de tudo,
E' mundo deixa fallar.

Não, etc.

Que fazem nossos amores
Para o mundo murmurar ?
E máo costume do mundo,
E' mundo deixa fallar.

Não, etc.

Sempre todos me hão de vêr
 Por meu bem a suspirar ;
 Se disto fallar o mundo,
E' mundo deixa fallar.

Não, etc.

Ah meu bem não pertendamos
 Do povo a boca tapar ;
 Bem sabes que o povo é mundo,
E' mundo deixa fallar.

Não, etc.

DE QUE ME SERVE ESTA VIDA

POESIA DE VILLARINHO

De que me serve esta vida
 De tormento agro e sem fim ;
 Quando não estou de guarda
 Toca á rebate o clarim.

De que me servem as folgas
 Se não as posso gozar ;
 Se não estou de piquete
 De noite saio a rondar.

Não tenho socego !...
 Me diz o tenente

Vá para o serviço
Pois falta me gente.

O que heide fazer ?
Visto a fardasinha
Botando as corréas
Eu vou para a guarda.

Porém se inda um dia
Eu nisto scismar,
Farei uma trouxa
E por-me-ei a andar.

Com esta me raspo
Oh ! rapaziada,
Pois esta vidinha
E' mui desgraçada.

O CANTO DO PERU'

D'esta minha Paulicéa,
Formigas comendo e angú,
Ouviras os meus gemidos,
E o canto do *teu perú*.

Gru, gru, gru, gru.

Do meu colibri ausente,
Ando triste e jururú ;

O rubro monco azul fica,
E casmurro o *teu peru*

Gru, gru, gru, gru.

N'este mundo planetario,
Ninguem vejo senão tu,
Ès o meu colibrisinho,
E eu sou o *teu perú*

Gru, gru, gru, gru.

Quizéra o teu pequirá,
Caturrita ou sanhassú,
Não posso, mas é o mesmo,
Serei sempre o *teu perú*.

Gru, gru, gru, gru.

Tu és o meu colibrisinho,
E mimoso carurú,
Eu sou o teu totósinho,
E também o *teu perú*.

Gru, gru, gru, gru.

Quando alguém te arrasta a aza,
Parece um surucucú;
Bato o pé, encrespo o monco,
Faço roda e *gru, gru, gru...*

Gru, gru, gru,gru...

DE TI FIQUEI TÃO ESCRAVO

De ti fiquei tão escravo,
Depois que teus olhos vi ;
Que morro só por teus olhos,
Não posso viver sem ti !
 Contemplando o teu semblante
 Sinto a vida m'escapar,
 N'um teu olhar perco a vida
 Ressuscito n'outro olhar !

*Mas é tão doce
Morrer assim!...
Lilia não deixes
De olhar p'ra mim !*

N'um raio dos teus olhares
Minh'alma inteira preendi,
Se tens minh'alma em teus olhos,
Não posso viver sem ti...
 A qualquer parte que os volvas
 Minh'alma sinto voar,
 Inda que livre nas azas
 Preza só no teu olhar.

Mas é tão, etc.

Qu'era meu fado ser teu
Ao ver-te reconheci,
Não se muda a lei do fado
Não posso viver sem ti !

Por não ser inda completa
 Minha doce escravidão,
 Se me ferem teos olhares
 Beijo, adoro o meu grilhão!

Mas é tão, etc.

DIZEM QUE SOU BORBOLETA

Dizem que sou borboleta,
 Que no amar sou bandoleira ;
 A culpa tem quem me fórja
 Os ferros do captiveiro.

Nãa posso ver moça bella
 Sem amor me titilar,
 Sou feito da carne e ôsso
 Por força me hei de dobrar :

Se ha moças que vibrão
 Olhar tão ardente,
 Que o peito da gente
 Queimando
 Cortando,
 Rasgando ;
 Lá dentro nos vão,
 Acender paixão.
O mais insensivel
Por bem; ou por mal
Terá sorte igual :
Amará,

*Gemerá,
Se verá
Captivo por fim!
Eu cá penso assim.*

Se vejo moça corada
Fico de amor abrazado:
Moça pallida e romantica
Põe-me todo derrotado.

A moreninha m'encanta,
Me derrete, me maltrata,
M'envenena, m'enfeitiça,
Me fere, me abraza e mata.

Por todas eu sinto
O meu coração.

De gosto e paixão

Ferido,

Perdido,

Rendido,

Aos ferros exposto,
Por gloria e por gosto.

O mais insensivel, etc.

Olhos negros e travêssos
São p'ra mim settas de amor,
Os azues matão a gente
Requebrados com languor.

Sejão grandes ou pequenos
Ardentes ternos ou não,
Todos elles me repuchão
Suspiros do coração.

Olhinhos hei visto
Eu bem sei em quem
Que tal força tem
 Qu'enleião,
 Chasqueião
 E ateião.
Voraz fogo ardente
No peito da gente!

O mais insensível, etc.

Não sei o que é ter orgulho
De constancia e de firmeza,
Eu só me orgulho de amar
A toda e qualquer belleza.
 Quando estou junto de moças
 Meus olhos são de tarracha
 Meu coração é trapiche
 Tenho alma de borracha.
 N'um dia n'um hora.
 No mesmo lugar;
 Eu gosto de amar
 Quarenta,
 Cincoenta,
 Sessenta :
 Se mil forêm bellas
 Amo a todas ellas.

O mais insensível, etc.

DO BRAZIL A MULATINHA

Do Brazil a mulatinha
E' do céo doce maná
Adocicada fructinha,
Saboroso cambucá !

E' quitute appetitoso,
E' melhor que vatapá ;
E' nectar delicioso,
E' bôa como não ha.

E' manjar bem delicado,
E' melado com cará ;
Agradavel bom bocado,
Gostoso maracujá !

E' cajú assucarado
E tem de manga o sabor ;
E' quibêbe apimentado
Pelas mãosinhas de amor.

E' doce licor de rosa.
E' melhor do que melado ;
Delicado e melindroso
Vinho velho engarráfado.

E' manguinha da Bahia,
E' doce favo de mel ;
Não é clara como o dia
Nem alva como papel.

A mulatinha mimosa,
Fios d'ovos com canella ;
E' morena, côr de rosa
Tem uma côr muito bella.

E' faceira, tem candura,
Tem do côco o paladar ;
Tem meiguice tem ternura,
Tem *quindins* d'enfeitiçar.

Quando eu meigo vejo ella,
Tão terna tão moreninha ;
Logo exclamo : como é bella
Do Brazil a mulatinha !

Os olhos sabe volver
Tão ternos a namorar,
Que eu quizera só poder
Junto d'ella sempr'estar.

PALAVRORIO

POESIA DE ?... MUSICA DE ?...

E' dos ministros
Visicatorio
Que os atormenta
O palavrorio.

Das resistencias
Approbatorio
E' sempre o voto
Do palavrorio.

Haver leis annuas
E' illusorio
Com as empurras
Do palavrorio.

Quem ao Caxias,
Ou ao Osorio
Mais embaraça ?
O palavrorio.

Quem nos é inda
Mais vexatorio
Que o ex-Lopes ?
O palavrorio.

Não ha inferno
Nem purgatorio
Que se compare
Ao palavrorio:

De nossos males
O repertorio
Se recopila
No palavrorio.

Miseras camaras
Pobre auditorio
Que sois maçados
Do palavrorio

E o nosso povo
E tão simplorio,
Que ainda acredita
No palavrorio ?

Resemos terço
A S. Gregorio
Que nos proteja
Do palavrorio

E a Santo Antonio
Um responcorio,
Para dar cabo
Do palavrorio

NÃO POSSO COM MAIS NINGUEM

POESIA DE GUALBERTO PEÇANHA, MUSICA DA MODINHA :
E' FALSO, MEU BEM, QUEM DIZ.

E' mentira !... Quem lhe disse
Que muitas me querem bem :
Tenho apenas uma amante,
Não posso com mais ninguém.

Pois já trago esfrangalhado
 O meu coração innocente,
 Me deixem por piedade,
Não posso com mais ninguém.

Esta amante que possúo
 Verdade é que me quer bem...
 Mas creião... já me aborrece...
Não posso com mais ninguém.

Se por falso ou inconstante
 Alguma outra me tem,
 Paciência! uma é bastante...
Não posso com mais ninguém.

Eu bem sei que estas mocinhas
 Me julgarão —toleirão,
 Mas por modestia é que eu digo :
Não posso com mais ninguém.

NÃO SE RESISTE, NÃO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Empreheendeu amor vencer
 O meu livre coração,
 E eu que tanto resistia
 Resistir não pude não.

*Quem terá forças
Terá valor
Com que resistão
Ao forte amor.
Não se resiste,
Ah ! não, não, não.*

Resistir ao forte amor
E' uma vã presumpção,
Eu mesmo que presumia
Resistir não pude não.

Quem, etc.

Chamo a razão em soccorro,
Desampara-me a razão ;
Da razão desamparado
Resistir não pude não :

Quem, etc.

Mais não me venceu amor
Co'as settas que tráz na mão ;
Mostrou-me uns olhos mui meigos...
Resistir não pude não :

Quem, etc.

Lisongeiras esperanças
Mostra amor na esquerda mão
Com seus premios seduzidos
Resistir não pude não :

Quem, etc.

O GATINHO

Era um gatinho que eu tive
Um gatinho folgasão,
Quereis saber o seu nome?
Eu o chamava *Turrão* :
Quereis sabel-o porque?
Eu já vos digo a razão :

Era da côr de azeviche,
Tinha colleira amarella,
Quem m'ò deu, não sei se o conte...
Eu o furtei d'uma bella!...
— E' mentira, tenho zêlos,
O gatinho deu-t'ò ella!

Se te arrufas já commigo
Então não quero contar ;
Vai ouvindo a minha historia
Escuta, que has de gostar :
Eu o chamava *Turrão*
Porque era bravo no brincar .

Quando me via tristonho
Lamber vinha-me a mão,
Quando me via contente
Dava pulinhos no chão ;
Assim tomava o gatinho
De prazer um bom fartão.

Mas um dia, oh! que ventura,

O gatinho era bregeiro,
Vio uma moça dansando
Foi-se a ella sorrateiro ;
Furtou-lhe a liga da meia
E fugio com ella ligeiro !

— Que foi feito do gatinho ?
A moça logo que o via
Lembrando-se da graçola
De prazer gostosa ria ;
Té que por descuido meu
M'o furtou n'um certo dia !

O RETRATO DE UMA SINIIASINHA

Escutem bem
O que vou cantar,
Uma menina
Vou retratar.

Cabeça immunda
Cheia de caspa,
Tira aos alqueires
Quando se raspa.

Não tem orelhas
Por seus peccados,
Tem os lugares
Esburacados.

Os olhos vesgos
É agathiados,
Té sem pestanas
Sapirocados.

Nariz enorme
E acachapado,
Toma-lhe a cara
De lado a lado.

A bocca é grande
Dentes compridos,
Cheios de sopas
E alguns cahidos.

Os seus peitinhos
São de borracha,
E os biquinhos
São de tarracha.

Os seus bracinhos
De orango-tango,
Suas perninhas
De magro frango,

Cintura fina,
Bunda não tem,
O mais não digo
Eu sei mui bem.

Quem apanhar
Bichinho igual,
Deve guardar
Para signal.

MENTE, MENTE

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA.

Escutai pobres amantes
Um amante experiente,
A mulher que diz que ama
Certamente mente, mente.

Se um amante carinhoso
Lhe faz ver amor ardente,
Ella lhe promette o premio
Certamente mente, mente.

E' um gosto vêr a amada
Diante de muita gente,
Protestando ter fé pura
Certamente mente, mente.

Pois se o pobre falla a outra
Bem cortez e bem prudente,
Ella finge ter ciume
Certamente mente, mente.

E se acaso o triste amante
Algum tempo esteve ausente,
Ella jura tem saudades
Certamente mente, mente.

O PROGRESSO

PŒSIA DE TEIXEIRA E SOUZA, MUSICA DE J. J. GOYANES

Espanta o grande progresso
Desta nossa capital;
Decresce o bem por momento,
Cresce a desgraça e o mal:
 A carestia de tudo
 De grande já não tem nome,
 O pobre morre de fome,
 De miseria e de trabalho.

Em bellos carros
O rico corre,
O pobre morre
Sem que comer;
Tudo é soffrer
Para a pobreza;
Só a riqueza
Vive contente.

Mortal que vive
Do seu trabalho,

Não tem um canto
Para agasalho.

*Meu bem, não peças dinheiro,
Qu'eu não tenho p'ra te dar;
Pois ando sempre de guarda,
Quando folgo vou rondar.*

A carne secca tão cara!
Cada vez o preço cresce,
O monopolista á custa
Da pobreza s'enriquece.

Nos açougues carne podre,
Nas ruas leite com agua,
Causa dor e causa magoa
O pão, de tão pequenino.

A dez tostões
Pinto gosmento,
Feijão bichento
A pezo d'ouro;
Toucinho couro
E já tocado,
Café torrado
Com milho podre;
Todos os mezes,
Por alugueis, —
Quatro paredes
Trinta mil réis.

Meu bem, não, etc.

Pejão as ruas mendigos
Ha ladrões por toda parte!
Em breve nos darão leis
A faca e o bacamarte.

Por altas horas da noite
Invadem nossos poleiros,
E nos levão os ratoneiros
A criação dos quintaes.

Té as torneiras
Já não escapão,
Poís tudo rapão
De um modo estranho,
Pretos de ganho
São espreitados,
Após roubados
Pelos gatunhos.
Em grandes festas,
Bailes, passeios,
Sempre achão meios
De ratonar.

Meu bem, não. etc.

Feijão, milho e assucar
Carne e peixe já cosidos,
Nos vem das terras da Europa,
Vem dos Estados-Unidos.

Em quanto o monopolista
O seu negocio equilibra.
Vendendo a pataca a libra
Vai o pobre á carne secca.

Quatro pimentas
 Por um vintem,
 Só quem o tem
 Pódem gozar ;
 Quem quer comprar
 Alguns limões,
 Dá dous tostões
 Por um sómente.
 Viva quem vive,
 Morra o regresso,
 Viva a Nação,
 Viva o progresso !

Meu bem, não, etc.

O SECULO DAS LUZES

POESIA DE PAULA BRITO, MUSICA DE J. J. GOYANO

Estamos nos seculos das luzes,
 Já não ha que duvidar,
 Temos gaz por toda a parte
 Para nos allumiar !

A, E, I, O, U.
Já se não custa aprender ;
Ja s'ensina de repente,
Sem as letras conhecer.

Temos estradas de ferro
Para mais deprêssa andar;
Todos hão de correr tanto
Que por fim hão de cansar.

Ba, be, bi, bo, bu, etc.

Já com novo calçamento
Vejo as ruas se calçar;
De fino sapato e meia
Já se póde passear.

Ca, ce, ci, çó, çu, etc.

Já se alargam bem as ruas,
A do Cano é a primeira;
Hoje tudo são progressos
Da famosa ladroeira.

Da, de, di, do, du, etc.

Agua suja, cisco e tudo
Já se não deve ajuntar;
E' só lançar-se nas ruas
Que as carroças vêm buscar.

Fa, fé, fi, fo, fu, etc.

Já se seguram as vidas,
Já se não deve morrer;
Quem tem sua creoulinha
Não tem medo de a perder.

Cua, gue, qui, go, gu, etc.

Temos agua pelos cantos,
Que sempre estão a correr ;
E sujo por falta de agua
Ninguem mais deve morrer.

Ja, je, ji, jo, ju, etc.

Já temos grandes theatros,
E a empresa quer crescer ;
Estamos—n'um céu aberto,
Isso sim, é que é viver.

La, le, li, lo, lu, etc.

Quando ha fogo na cidade
São Francisco dá o aviso ;
O Castello corresponde
Com tres tiros do Gabizo.

Ma, me, mi, mo, mu, etc.

Os estrangeiros s'empregam
Nessa nova exploração ;
Nada tendo de fortuna
Vem ganhar um dinheirão.

Na, ne, ni, no, nu, etc.

Nacionaes de bocca aberta
Nada tendo que comer,
Vivem como o boi de canga
Calladinho até morrer.

Pa, pe, pi, po, pu, etc.

Com a carestia dos generos,
 Como o pobre ha de viver?
 Com tão pequeno salario
 Como hourado pôde ser?

Ra, re, ri, ro, ru, etc.

Os poderosos não querem
 Co'a pobreza s'importar;
 O pobre cheira a defunto
 Pois só sabe importunar.

Sa, se, si, só, su, etc.

Eis o que é o paiz natal
 Dos filhos que vio nascer;
 Qualquer estrangeiro atâa
 Vem aqui enriquecer.

Ta, te, ti, to, tu, etc.

Já temos por f'licidade,
 Melhor colonisaçao;
 Felizmente se acabou
 A negra especulaçãõ.

Va, ve, vi, vo, vu, etc.

Os transportes são immensos,
 Quer por terra, quer por mar;
 Até se pôde seguro
 Já navegar pelo ar.

Xa, xe, xi, xo, xu, etc.

Emfim ninguem já duvida
 De tamanha perfeição ;
 Que não ha seculo como este
 De maior illustração.

Za, ze, zi, zo, zu, etc.

PADRE NOSSO CASAMENTEIRO

LUNDU'

Esta vida de solteira
 Eu já supportar não posso ;
 Valei-me, Nosso Senhor,
 Mostrai qu' sois *Padre Nosso*.

Humildemente vos peço
 Que escuteis os rogos meus...
 Sou muito religiosa,
 Só penso *que estaes nos céos*.

Um rapaz muito galante,
 Bem bonito e engraçado,
 Desejo-o p'ra meu marido
 Oh ! meu Deus *santificado*.

Eu tenho dentro do peito
 Um ardor que me consome :

Quero que o meu protector
Sempre *seja o vosso nome.*

Tendes sido sempre bom
Sempre a quem recorre a vós,
O rapaz já me fez douda
Só desejo o *venha a nós.*

Quando me vê, com o lenço
De longe faz um aceno...
Elle tanto me deseja
Como eu, *c vosso reino.*

Mas meu pai impertinente
A pretensão não aceita...
A minha união deseja
Que a seu geito *seja feita.*

Por causa d'elle, meu Deus,
Quer me tirar da cidade ;
Me diz sempre resmungando
Farei a *vossa vontade.*

Se não cumprir o desejo
Que no meu peito se encerra.
Antes mil vezes morrer
Que viver *assim na terra.*

Aspiro existir alegre
Mui ditoso ao lado seu...
Brincar, pular e dançar,
E viver *como no céo.*

Sendo consorte fiel,
Tendo o patrocínio vosso,
Creio que não faltará
Nunca, meu Deus, *o pão nosso.*

Cuidar na casa, manter
Sempre a paz, sempre a alegria,
Ha de ser, segundo julgo,
Meu pensar *de cada dia.*

Meu papae traz-me apertada,
Meu amante delle foge...
Força, animo, vontade,
E coragem *nos dai hoje.*

De alguma dôr de canellas,
Mui perigooa, livrai-nos,
Se conhecerdes que erramos
Eu vos peço *perdoni-nos.*

Juras firmes, e bastantes
Já estão por nós contrahidas,
Se por ventura casarmos
Pagaremos *nossas dividas.*

Eu e elle renderemos
Preces, louvores a vós ;
Todos te desejarão
Amar *assim como nós..*

As offensas, as maldades
Que no mundo supportamos,
Gozando doce ventura
Tudo, *tudo perdoamos.*

Não teremos um momento
De terriveis dissabores :
Relevamos com doçura
Tudo *aos nossos devedores.*

Meu Deus humilde vos peço
Nunca nos abandoneis ;
Supportar um só desgosto
Meu pai, não... *não nos deixeis.*

Do lodaçal apartai-nos
Do vicio com promptidão ;
Prohibi a meu bemzinho
O *cahir em tentação.*

E depois, quando morrermos,
Os peccados relevai-nos ;
Dos tormentos deste mundo,
Piedoso Senhor, *livrai-nos.*

Que vidinha passaremos !
Que doçura sem igual !
Protegidos por um Deus,
Isemtos *de todo o mal.*

Ligeira no oratorio,
 Vou collocar uma luz ;
 Meu pai inda cederá
 Eu espero, *amen Jesus.*

O CAFUNE'

POESIA DE ED. VILLAS BOAS, MUSICA DE J. L. ALMEIDA
 CUNHA

Eu adoro uma yayá
 Que quando está de maré,
 Me chama muito em segredo
 Pr'a me dar seu *cafuné.*
 Não sei que geito ella tem,
 No revirar dos dedinhos ;
 Qu'eu fecho os olhos, suspiro,
 Quando sinto os estallinhos.

Mas quando zangada está
 Raivosa me bate o pé,
 Me chinga, ralha comigo,
 Não me dá mais *cafuné.*
 Não sei então o que faça...
 Fazendo mesmo carinhos ;
 Ella entre os meus cabellos
 Não passa mais seus dedinhos.

Um dia zangou-se toda
 Por ir cheirando a rapé,

Me chamou de velhø e feio,
Nãõ me deu seu *cafuné*.
 Brigou comigo devéras,
 Mas passada a raivazinha
 Foi ella mesmo quem deu-me
 Uma linda bocetinha.

Que boceta tão mimosa !
Das pazes emblema é :
Quando eu funguei a pitada
Deu-me ella outro *cafuné*...
 Oh ! que gosto que senti !
 Na boceta do rapé,
 Descobri o melhor meio
 De ganhar meu *cafuné*.

OS MANDAMENTOS

Eu confesso as minhas culpas
Todas pelos mandamentos,
Ao depois que vi Marilia,
Trago varios pensamentos.

O primeiro é *amar a Deus*,
Eu amo ao meu bem querer :
Se Marilia fôr constante
Hei de amal-a até morrer.

O segundo é *nãõ jurar*
Pelo santo nome em vãõ ;

Eu jurei amar Marilia
De todo o meu coração.

O terceiro é *ouvir missa*
Nos dias de santa guarda ;
Eu cem missas ouvirei
Mas ao pé de minha amada.

O quarto *honrar pai e mãe*
Pai e mãe eu honrarei :
Só por ti Marilia amada
Pai e mãe eu deixarei.

O quinto *não furtaras*
Mesmo tendo precisão ;
Eu sómente fiz um furto ;
De Marilia o coração !

Sexto *guardar castidade,*
Que é virtude apreciada ;
Eu serei sempre mui casto
Mas ao pé de minha amada..

O sétimo é *não matar,*
Eu nunca matei ninguém ;
Sómente mato as saudades.
Que sinto pelo meu bem.

O oitavo é *não levantar*
Falsidades contra alguém ;

Eu só disse que Marilia,
E' minha e de mais ninguem

O nono é *não desejar*
D'algum proximo a mulher ;
Eu só desejo a Marilia,
Eu a quero e ella me quer.

O decimo é *não cubiçar*
Nunca as cousas de ninguem ;
Eu só cubiço a Marilia
Porque ella é o meu bem.

E estes *dez mandamentos*
Só em dous minh'alma encerra ;
Amar a Deus lá no céo
E a Marilia cá na terra.

EU QUERO ME CASAR

POESIA DO DR. J. M. DE MACEDO, MUSICA DE F. A.
DE CARVALHO

Eu já não sou criança
Já tenho bem juizo,
Já sei o que é preciso
Para viver, amar ;
Mamãi fiz treze annos ;
Eu quero me casar.

Darei minhas bonecas
A Dona Carolina,
E' ainda pequenina
Não sabe o que é amar ;
Mamãe eu já sei tudo,
Eu quero me casar.

No coração das moças
Ha um tal bixinho,
Que rõe devagarinho
Até fazer amar ;
Mamãe isto é sabido
Eu quero me casar.

Mamãe ralhar não póde
Papai tambem amou,
Do céu foi que baixou
A lei que ensina amar ;
Mamãe Deus é quem manda ;
Eu quero me casar.

EU JA' TIVE UMA MENINA

LUNDU'

Eu já tive uma menina
A quem amei mais que a ti,
Ausentou-se, foi-se embora,
Eu fiquei, mas não morri.

Meninas traidoras,
Que faltam á promessa,
Não deixem lembranças
Melhor é que esqueça.

Antes ser quero
Queimado ao lume,
Que andar soffrendo
Cruel ciume.

Comprei pr'a cuja
Lindo retracto,
Seu genio altivo
Mostrou-me ingrato.

Gastar a gente
Seus cabedaes,
Em fitas, rendas,
Cousinhas taes ;

Andar a gente
Feito um ladrão,
De achar em troca
Pedra ou bordão ;

Andar a gente
N'um corropio,
Por lamas, chuvas,
Noites de frio ;

Rondar a porta
Parar na esquina,
Julgar que póde
Ver a menina ;

Olhar se ella
Chega á janella,
Chegar um gato
Suppor que é ella ;

Puchar o lume
Pr'a dar signal,
E ella em tijollos
Pelo quintal ;

Só pelo canto
Com ar de tolo,
E ella com outro
Toda em tijollo ;

Estar na esquina
Sósinho de pé,
Chocando c'os olhos
Feito um jacaré ;

Gostar da menina
Dar a bucholeta,
Sem mesmo um recado
Mandar pela preta ;

Trabalhos são esses
Que já forão meus,
Não fallem-me nelles
Pelo amor de Deus.

EU NÃO GOSTO DE OUTRO AMOR

LUNDU' BAHIANO PELO PADRE TELLES

Eu não gosto de outro amôr
Que não seja amor de cá,
E' amor muito gostoso
Amor de minha sinhá.

Seus afféctos, seus quindins
Enfeitição o mundo inteiro.
Faz escravos homens serios
O terno amôr brasileiro.

Eu zombei por largo tempo
De seus laços, e prisões ;
Eu zombei do captiveiro
Dos mais ternos corações.

Não mais quiz o Deus de amôr
Consentir a zombaria,
Pois ao vêr certos olhinhos
Fez-me preso nesse dia.

Ninguém pois deve zombar
 Desse amor tão feiticeiro,
 Quando julga que está livre
 E' o mais prisioneiro.

E' concelho de quem ama
 Certos olhinhos de cá,
 Affectos, quindins, requebros,
 Só as de minha sinhá.

O SEU MOLEQUE SOU EU

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA.

Eu tenho uma Nhandásinha
 A quem tirs o meu chapéo ;
 E' tão bella tão galante,
 Parece cousa do céo,

Ai Ceo!
Ella è minha vovó,
O seu moleque sou eu.

Eu tenho uma Nhandásinha
 Qu'eu não a posso entender :
 Depois de me vèr penar,
 Só então diz que me quer.

Ai, etc.

Eu tenho uma Nhanhásinha
A melhor que ha nesta rua ;
Não ha dengue como o seu,
Nem chulice como a sua.

Ai, etc.

Eu tenho uma Nhanhásinha
Muito guapa muito rica :
O ser formosa me agrada,
O ser ingrata me pica.

Ai, etc.

Eu tenho uma Nhanhásinha
De quem sou sempre moleque ;
Ella vê-me estar ardendo,
E não me abana c'o leque.

Ai, etc.

Eu tenho uma Nhanhásinha
Por quem chora o coração ;
E tanto chorei por ella,
Que fiquei sendo chorão.

Ai, etc.

RAIVAS DE GOSTO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Eu gosto muito de Armania
Que é mui dengue, é mui mimosa :

Que meiga a todos agrada,
E até me agrada raivosa.

*O céo taes graças lhe deo;
Que ainda raivosa e bella;
E se não que o diga eu,
Que gosto das raivas della.*

Vou enraivecer Armania
Que tem raiva graciosa
As mais vencem por meiguice
Ella vence até raivosa

O céo, etc.

Gosto das suas raivinhas,
Que avivão a côr de rosa ;
Eu gosto de a ver córada,
Por isso a quero raivosa.

O céo. etc.

Eu com quatro palavrinhas
De idea artificiosa,
Vou tiralla do seu serio,
Eu quero vèlla raivosa.

O céo, etc.

O seu terno coração
Vigia mui caprichosa ;
E, inda que elle queira amar,
Ella não quer de raivosa.

O céo, etc.

Tremei, amores, tremei.
Tremei, turba presumçosa ;
Jurou a vossa ruina
Armania que está raivosa.

O céo, etc.

Quer soffrer á sua custa
A raiva assim virtuosa ;
Não hade amar, porém hade
Ser amada, assim raivosa.

O céo, etc.

A PORTUGUEZA ABRAZILEIRADA

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Eu vi correndo hoje o Tejo
Vinha soberbo e vaidoso ;
Só por ter nas suas margens
O meigo Lundum gostoso.

Que lindas voltas que fez !
Estendido pela praia,
Queria beijar-lhe os pés.

Se o Lundum bem conhecera
Quem o havia cá dançar ;
De gosto mesmo morrera
Sem poder nunca chegar.

Ai, rum, rum,
Vence fandangos e gigas
A chulice do Lundum.

Quem me havia de dizer
Mas a cousa é verdadeira ;
Que Lisboa produzio
Uma linda brasileira

Ai belleza
As outras são pela patria
Está pela natureza.

Tomára que visse a gente
Como nãnhã dança aqui ;
Talvez que o seu coração
Tivesse mestre dali.

Ai companheiro
Não será ou sim será
O geitinho é brasileiro.

Uns olhos assim voltados
Cabeça inclinada assim,
Os passinhos assim dados
Que vem entender com mim.

Ai affecto
Lundum entendeu com eu
A gente está bem quieto.

Um lavar em seco a roupa
Um saltinho cahe não cahe ;
O coração brasileiro
A seus pés cahindo vai.

Ai esperanças
E' nas chulices di lá
Mas é de cá nas mudanças.

Este Lundum me dá vida
Quando o vejo assim dançar ;
Mas temo se continúa
Que Lundum me ha de matar.

Ai lembrança
Amor me trouxe o Lundum
Para metter-me na dança.

Nhanhã faz um pé de banco
Com seus quindins, seus popôs,
Tinha lançado os seus laços
Aperta assim mais os nós.

Oh ! doçura
As lobedas de nhandã
Apertam minha ternura.

Logo que nhandã sahio
Logo que nhandã dançou,
O cravo que tinha ao peito
Envergonhado murchou..

Ai que peito
Se quizer flores bem novas
Aqui tem amor perfeito.

Pois segue as danças di lá
Os di lá deve querer;
E se tem di lá melindres
Nunca tenha malmequer.

Ai delirio
Ella semêa saudades
De encherto no meu martyrio.

A CURIOSIDADE

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Eu vi, eu vi (não é graça !)
De certo lugar occulto,
Em um corpo duas almas,
De dous corpos um só vulto.

O caso é bom,
Quero contar;
Porém chiton !...

Fui chegando pouco a pouco,
E ouvi sem ser sentido
Entre reciprocos mimos
Um soluçar repetido.

O caso é bom,
Quero contar ;
Porém chiton !...

Appliquei mais os sentidos
E ouvi (se bem me occorre)
Uns me deixes de quem ama,
Um soluçar de quem morre.

O caso é bom,
Quero contar ;
Porém chiton !...

Já em ancias gaguejando
Disse um, vendo-me á porta .
« — Vê que lá... lá. vem gente ! »
O outro : « Que... que... m'importa ! »

O caso é bom,
Quero contar ;
Porém chiton !...

Em laços, que amor urdia,
Ambos presos divisei ;
O que fallavam ouvi ;
O que faziam não sei.

O caso é bom,
Quero contar ;
Porém chiton !...

EU VI UM ROSTO

Eu vi um rosto tão singello e bello
C'um sorriso liso,
Que ninguem comprehende ;
Vi-lhe na fronte essa candura escura
Que arreбата e mata
Mas que não se entende.

Eu vi uns olhos pensativos, vivos
Que em fitando brando
Ficam côm de vinho ;
E a linda boca—Oh quando a fecha, deixa
Dois valentes dentes de guarda ao focinho !

Oh ! linda imagem, que m'inflamas, se amas,
Como eu creio e leio nesse olhar travesso,
Deixa que eu pense quanto doce fosse,
Que me desses desses beijos que eu te peço.

VIVA O ZÉ-PEREIRA

POESIA DE F. C. VASQUES

*E viva o ze-Pereira
Pois que a ninguem faz mal !
E viva a bebedeira
Nos dias de carnaval.
Zim, balala ! Zim balala !
E viva o carnaval !*

Uma tarde passeando
La na rua do sabão
Eu fiquei sem meu chapeo
Por causa da viração.
Eu não sinto o meu chapeo
Nem que isto me aconteça,
Sinto só deixar com elle
A minha pobre cabeça.

E viva, etc.

Uma vez brincava eu
Com dois caroças de mangas,
E em casa sem querer
De vidro parti as mangas.
Fujo p'ra rua, que a velha
Queria escovar-me o pó,
E uma manga d'agua ensopa-me
As mangas do paletot.

E viva, etc.

Uma vez em certo hotel
Uma tainha eu comia,
Que o sujeito afiançava
Ser pescada n'esse dia.
Cuça o dinheiro da gente
Com ella faz sua dita.
Sendo as vezes essas casas
Escassas varas de chita.

E viva, etc.

Pois bem, meu pae, eu ca fico
 De sua *fazenda* guarda,
 Mas como eu' *administra*
 Quero já ter uma farda.
 Isso até não se *pregunta*
 Tendo o negocio na mão,
 Eu havia de ter *pasta*
 Da *fazenda do algodão*.

E viva, etc.

Vocês são uns idiotas
 Em pensar que eu subo a serra,
 Mas eu vou então provar-lhes
 Como dou com tudo em terra!
 Hei de dansar um can-can,
 Que hade levar tudo a breca!
 Embora que vocês gritem
 — Oh Perereca! Oh Perereca!

E viva a Perereca
Pois que a ninguem faz mal,
Sem agua na caneca,
Nos dias de carnaval.

O Ze-Pereira no carnaval
 Pode o *Zabumba* rebentar,
 Mas depois d'esta folia
 Outros lhe tomar o lugar.
 Sem *mascaras* percorrem *elles*
 As ruas d'esta cidade,

Arrebentando sem malho
A pelle da humanidade.

E viva o Ze-Pereira, etc.

O auctor manda pedir
Um pouco de paciencia,
Mais do que nunca precisa
Toda vossa intelligencia !
Deem palmas e desculpem
Este trabalho grutesco
Que devem se chamar
Les Pompiers de Nanterre.

E viva o Ze-Pereira.

A SERRANA

POESIA DE JUVENAL GALLENDO

— Formosa serrana,
De rosto fagueiro,
Porque tu me queres
La juncto ao terreiro?...

— Eu quero que vejas
Medir meu café.

— Vae, mede sozinha,
Me diz quanto é.

— Ai, não, tenho medo,
De brigas até...

— Senhor, venha logo
Medir meu café.

— Acaso algum dia
De ti duvidei?...

— Receio os enganos,
Não posso... não sei...

— És muito teimosa

— Teimoso quem é?...
Senhor venha logo
Medir meu café.

— Pois bem, não precisa
Que ralhes comigo,
Eu vou ao terreiro,
Serrana contigo.

— Ai péza o meu cesto,
Me ajude, senhor !...

— Que dizes serrana !...

— Eu peço um favor...

— Chegamos, agora,
Formosa innocente...

— Enchi a medida,
Em seu rol assente.

— Oh! falta inda muito,
Assim me enganaes!

— Senhor o que é isto?
Alli tem de mais!...

— Serrana, o que dizes,
E' falso, não vejo:
Se queres que assente,
Completa co'um beijo.

— Não posso, pois nunca
Tiveste-me amor...

— Ingrata não fujas!

— Mi largue, senhor!...

— Não cores, serrana,
Co'a cor de café.

— Teus braços m'apertão
Co'a força do *imbé*!

— Tu és minha aurora,
Tu és meu feitiço!

— Ficar não querias?...

— Entenda eu lá isso!

— Pois bem no affecto
Promette-me fé.

— Adeus, que vem gente
Medir o café

E foi-se a serrana,
Correndo faceira,
Deixando—quem sabe? —
Paixão feiticeira
No moço, que scisma
Do pé sobre a *eira*.

FUJAMOS

POESIA DE BRUNO SEABRA

Fujamos! minhas florestas
Tem mais risos, tem mais festas
Que as salas do cortezão;
Querida, vamos querida,
Viver toda a nossa vida
Das florestas no sertão!

Ali não reina a mentira,
Não tem vassalo o Tymbira
Que todo o Tymbira é rei;
Nos reinos dos sertanejes
As leis se escrevem com beijos,
Liberdade—é nossa lei.

Ao lar da nossa choupana
Tu seras como a sultana,
Eu serei como o sultão;

Querida, vamos querida,
Viver toda a nossa vida
Das florestas no sertão!

O nosso leito de amores
Será de grammas, e flores
Perfumozas—de umery,
Que bem dormirás querida,
Alli— sorrindo com a vida,
Nos braços do teu pery!

Fujamos !... no sol da côrte
Ha sempre raios de morte,
Ha sempre luz de traição!
La dos sertões na floresta
O sol as flores não cresta.
Nunca mente o coração!

Fujamos !. . vamos querida,
Viver longe a nossa vida,
D'esta vida cortezan ;
No regaço da ventura
Aonde as leis da impostura
Não dão leis—as de Tupan!

TEU CORPINHO BRAZILEIRO

LUNDU'

Gentil Marilia, belleza,
Graça, meiguice, candura,
Só na tua formosura
Esgotou a natureza.
Nos quindins, na gentileza
Tu tens o lugar primeiro,
Tudo que ha lisongeiro
Que attrahe e qu'inspira amor,
Reune para mais primor
Teu corpinho brasileiro!

Tu tens tanta perfeição,
São taes teus dotes divinos,
Que os mesmos brutos ferinos,
Te rendem adoração:
Jove, a fulminante mão
Com que abraza o mundo inteiro,
Suspende qual sebranceiro
Quando vê, em ti, meu bem,
Brilhar os dotes que tem
Teu corpinho brasileiro!

Que vezes ao som da lyra
Uno teu nome de amor,
Dedicando em teu louvor
Quanto minh'alma respira!
O meu coração suspira

Em ver teu rosto fagueiro,
Teu rostinho feiticeiro
Que aos mortaes faz dura guerra,
Delicias de amor encerra
Teu corpinho brasileiro!

Mil dons que a fortuna cria,
Pejados cofres de ouro ;
O mais sublime thesouro,
Mesmo o throno, a monarchia,
Por ti tudo eu deixaria :
Deixaria o mundo inteiro
Se á meu amor verdadeiro
Désse ouvidos o meu bem,
Disso tudo que em si tem
Teu corpinho brasileiro!

OS VADIOS

Graças aos cèos, de vadios
As ruas limpas estão,
E cheia delles a casa
Chamada de correcção.

*Já foi-se o tempo
De mendigar ;
Fóra vadios,
Vão trabalhar!*

Senhor chefe da policia,
 Tem a nossa gratidão ;
 Por mandar esses vadios
 P'ra casa de correcção.

Ja foi-se, etc.

Bem exacto, sois senhor,
 Por essa deliberação,
 Pois muita gente merece
 A casa de correcção.

Ja foi-se, etc.

SÃO PROGRESSOS DA NAÇÃO

POESIA DE PORTO ALEGRE, MUSICA DE CANDIDO
 IGNACIO DA SILVA

Lá no largo da Sé Velha,
 Se vê um longo tutú ;
 N'uma gaiola de ferro
 Chamado *surucucú*.

Cobra feroz
 Que tudo ataca ;
 Té d'algibeira
 Tira a pataca.

*Bravo da especulação
 São progressos da nação.*

Elephantes berrões,
Cavallos em rodopios,
N'um curro perto d'Ajuda
Com macacos e bugios.

Tudo se vê,
Misericordia !
Só por dinheiro
Ha tal mixordia.

Bravo, etc.

Garatujas mal cortadas,
Cosmoramas treplicados,
Fazem vermos toda a Europa
Por vidrinhos mal pintados.

Roma, Veneza,
Londres, Pariz,
Tudo se chega
Cá ao nariz.

Bravo, etc.

Os estrangeiros dão bailes
A regalar o Brazil ;
Mas a rua do Ouvidor
E' de dinheiro um funil.

Lindas modinhas,
Vindas de França,

Nossos vintens
Lá vão na dança.

Bravo, etc.

Agua em pedra vem do Norte
P'ra sorvetes fabricar;
De que nos servem os cobrinhos
Sem a gente refrescar?

A pitanguinha,
Cajú, cajá,
Na guela fazem
Taratatá!

Bravo, etc.

UM MOXOXO DE YAYA'

MUSICA DE RAPHAEL MACHADO

Mais gostoso que o quibêbe,
Que o zorô, que o vatapá,
E'—dado com certa graça,
Um moxôxo de yayá.

*Fingindo desdem,
Com certo quindim,
Puxando os beicinhos
Ella faz assim...*

E' quitute brasileiro
De comer e fazer—tá!
Temperado com arrufos
Um moxôxo de yayá.

Fingindo, etc.

Se é bello o amargosinho
Que tem o fresco aluá,
Tem mais gosto que azedume
Um moxôxo de yayá.

Fingindo, etc.

Excede até mesmo ao gosto
Do melado com cará,
O gosto, o sabor que tem
Um moxôxo de yayá.

Fingindo, etc.

Doce é elle, inda mais doce
Do que o doce de araçá,
A tudo excede em doçura
Um moxôxo de yayá.

Fingindo, etc.

Se acaso está zangadinha,
Querendo á força ser má,
Provocado è de matar
Um moxôxo de yayá.

Fingindo, etc.

LEILÃO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Mandou-me Amor que puzesse
Em praça o meu coração ;
Venham meninas depressa,
Que principia o leilão.

*Tenho o coração em praça
Amor me manda vender,
Arremata-o quem mais der.*

Elle disse que valia
Certa somnia de finezas,
Que era traste muito proprio
Para servir a bellezas.

Tenho, etc.

Lançou-lhe uns olhos Nerina
Uns olhos que não têm preço,
Venham outros se ha melhores
Senão a ella o offereço.

Tenho, etc.

Não cuidem que tem Nerina
De graça o meu coração,
Dou-lh'o por seus olhos bellos
Venham vel-os e verão.

Tenho, etc.

E' por preço de ternuras
 Que o meu coração darei,
 Quem mais faz mais o merece
 Já o preço estipulei.

Tenho, etc.

Eu recebo de Nerina
 De ternura mil signaes,
 Vou a dar-lhe o coração
 Se não ha quem lance mais.

Tenho, etc.

NÃO HA QUEM AME, SEM TER CIUME

Meu amor é mais constante
 Mais constante que ninguem,
 Só comigo ella reparte
 Os apuros que amor tem !

*Secca a belleza,
 Murcha o queixume
 Não ha quem ame
 Sem ter ciume.*

Eu amo sómente a ella
 Ella me ama tambem,
 Só comigo ella reparte
 Os apuros que amor tem.

Secca, etc.

MENINA, PORQUE RAZAO?

— Menina porque razão
 Eu passo, sahes da janella?
 — E' quando vou na cozinha
 Botar fogo na panella...

*Castiga, castiga
 Seu bem aqui'stá;
 Quem delle não gosta
 De quem gostará?*

— Menina porque razão
 Quando passo não diz—entre?
 — Ora, senhor, vá andando
 De comportas, 'stou sciente...

Castiga, etc.

— Menina, se eu não sou bicho,
 Se eu sou creatura humana...
 — Ora, meu caro, outro officio
 Com comportas não m'engana.

Castiga, etc.

— Menina tenho um vestido
 Mui chique pr'a lhe trazer...
 — Ora qual! diz o dictado
 Que no ver está o crer!...

Castiga, etc.

BORBOLETA

Meninas ha que me chamam
Borboleta e beija-flor,
Porque dizem que eu a todas
Faço protestos de amor.

*Como se enganam
Em tal pensar,
Jonia que diga
Se eu sei amar.*

Porque olho com ternura
A's vezes para uma bella,
Me julgam sem mais nem menss
Apaixonado por ella.

Como, etc.

Dizem que as moças todas
Meus mimos e graças têm,
Decidirão no seu jury
Qu'eu não adoro a ninguem.

Como, etc.

Passa por certo entre ellas
Que a minha amante paixão,
Desfaz-se toda na lingua,
Sem chegar ao coração.

Como, etc.

SO' VOCÊ E' O MEU BEM!

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Menina minha menina
Que tanta gracinha tem,
Deixa lá fallar quem falla
Só você é o meu bem.

Todos vêm o meu amor
Todos minha paixão vêm,
Nem é preciso que o diga
Só voce é o meu bem.

Se a phrase do coração
Você já conhece bem,
Ouça que diz palpitando
Só voce é o meu bem,

Regale-se o rico avaro
C'os immensos bens que tem,
Eu outros bens não desejo
Só voce é o meu bem.

Creia-me minha menina
Deixe as suspeitas que tem,
E se é preciso eu lho juro
Só voce é o meu bem.

Ponha a mão sobre esta minha
Jure o que eu jurar tambem,

Eu por mim juro mil vezes
Só você é o meu bem.

Quem tem uns olhos tão lindos ?
Tão linda boca quem tem ?
Se você tem taes bellezas
Só voce é o meu bem.

Nada me importam as graças
Que as outras meninas tem,
As outras são bens dos outros
Só voce é o meu bem.

Arminda, escute um segredo,
Que não nos ouça ninguém :
Com as outras tudo é brinco,
Só você é o meu bem.

AQUI ESTA' QUE TODO E' TEU

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Meu bem, o meu nascimento
Não foi como elle nasceu ;
Qu'eu nasci com coração,
Aqu' stá que todo é teu.

Apenas a minha vista
De ti noticia lhe deu,

Logo elle quiz pertencer-te
Aqui'stá que todo é teu.

Bebendo a luz dos teus olhos.
Nella um veneno bebeu ;
E' veneno que captiva
Aqui'está que todo é teu.

Elle em signal do seu gosto.
Pulou no peito e bateu ;
Vem vê-lo como palpita
Aqui'stá que todo é teu.

Para ser teu nãnhásinha
Não deixa nada de meu,
Té o proprio coração
Aqui'stá que todo é teu.

Se não tens mais quem te sirva.
O teu moleque sou eu,
Chegadinho do Brazil
Aqui'stá que todo é teu.

Eu era da natureza
Ella o amor me vendeu ;
Foi para dar-te um escravo
Aqui'stá que todo é teu.

Quando amor me viu rendido
Logo o coração te deu ;

Disse menina recebe
Aqui'stá que todo é teu.

Unidos os corações
Deve andar o meu c'o teu ;
Dá-me o teu, o meu 'stá prompto
Aqui'stá que todo é teu.

A NEGRINHA

POESIA DO DR. QUEIROGA, MUSIGA DE ?...

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

Pois tu chamas de irmanzinha
A' tua pobre negrinha
Que estremece de prazer ;
E vais pescar á tardinha
Mandy, piáu e corvina
Para a negrinha comer.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

Teus cabellos tão macios
São de seda os fios ;
Quando nelles passo a mão
O corpo todo me treme,
E dentro do peito geme
Com zelos meu coração.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

Tua boca é mais cheirosa
Que lá do meu Congro a rosa,
Mais doce que o jataby ;
Se lá estivesse agora,
Se lá estivesse agora,
Os meus prazeres d'outr'ora
Deixára todos por ti.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

Branquinho do coração.
Toda a noite, todo o dia
Ah ! sempre, sempre eu queria
Estar só a te abraçar ;
Nem ha nada neste mundo

Que seja doce e jocundo
Como teus lábios beijar.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

Tu nunca deste pancada
Em tua negrinha amada,
Nunca, nem um beliscão;
Quando eu digo que te amo
E meu bemzinho te chamo
Tu me escutas com paixão.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

De amores eu fico louca
Quando a tua linda boca
Doce me diz : « Vem, né-ne,
« Assenta ahí nesse estrado :
« Eu estou muito cansado,
« Vem me dar um cafuné.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

E lá pela madrugada
 Quando o somno mais agrada
 Ao ouvido me vens dizer :
 « Negrinha fica deitada
 « Que está fazendo geada,
 « Dorme até o sol nascer. »

Meu branquinho feiticeiro,
 Doce yó-yó, bom irmão,
 Adoro teu captiveiro,
 Branquinho do coração.

De manhã vais caçar paca
 Lá no corgo da resacca,
 Trazes paca e tymboré ;
 Voltando já á noitinha
 Tu vens comer co'a negrinha
 Quitute no caboré.

Meu branquinho feiticeiro,
 Doce yó-yó, bom irmão,
 Adoro teu captiveiro,
 Branquinho do coração.

A UMAS PERPETUAS DADAS POR UMA
 PERPETUA

Meu raminho de perpetuas,
 Se és perpetuo toda a vida,

Faze que seja perpetua
A minha Perpetua q'rida.

No viver tu és perpetuo,
Eu perpetuo no amor ;
Tens perpetua rescendencia,
Eu perpetua a minha dôr.

Ai, Perpetua, amo as perpetuas
Só pela perpetuidade,
Mas não quizera Perpetua
Minha perpetua saudade.

QUER SER COMMENDADEIRA DA ORDEM DA CREAÇÃO

POESIA DE XAVIER DE NOVAES, MUSICA DE SOLLER.

Meu pai tenha paciencia,
Mande sangrar a algibeira :
Preciso de uma *Excellencia*,
Quero ser commendadeira.
Deos não quiz fazer sómente
Do mundo os homens senhores ;
Nós apenas somos gente,
Elles são commendadores.

Isto, papai, não tem geito,
Não vai bem o mundo assim ;

Tanta falta de respeito
 E' mister que tenha fim :
 Tem papai quatro commendas,
 E vejo-o sempre em contendas
 Porque'um visinho tem seis ;
 E sua filha, coitada,
 Não tem commenda nem nada,
 Por causa de trinta reis !

Eu já sei que o papai trata
 De casar-me, e é bem preciso ;
 Mas assim, tão lisa e chata,
 Só marido chato e liso.
 Eu tenho *nobreza* em saias,
 E nas calças tenho *renda* ;
 Faltão no dote as alfaias,
 E é rica alfaiá a commenda.

Sou cantora d'alta monta,
 No piano sem rival ;
 Canta o *Orpheo* ponta a ponta
 Tóco o hymno nacional ;
 Sem picar as mãos na agulha,
 Na educação faço bulha,
 Tudo que é bello aprendi :
 Estudando as linguas vivas,
 Domino-os como captivas,
 Digo já, — *yess e oui* !

Commendas não se consommem,
 Riquezas botão-se fóra— :

E commendador e homem
São synonymos agora,
De Deos a lei nos insina
Dos dous sexos a tendencia,
Commenda só masculina
Não pode ter descendencia.

Se um rasgo de bom juizo
Commenda macha nos deu,
Commenda femea á precisa,
Que propaga o que nasceu.
Mando assim a natureza:
O marquez tem marqueza,
Tem baroneza o barão,
Seja nobre a terra inteira:
Quero ser commandadeira,
Da *Ordem da Creação*.

A QUITANDEIRA BAHIANA

Meu querido iôyôsinho
Eu sou filha da Bahia,
Porque passa sem comprar,
Um figo, uma melancia?

Porque yôyò quando passa
Os olhos quebra p'ra mim?
Olhe, iô-iò, p'ra quebranto
Tenho figa de marfim!

Iôyô me compre esta fructa
Do meu lindo taboleiro ;
Pegue n'ella meu yôyô,
Pegue ande, tome o cheiro.

Manga é quasi sem caroço
Que iôyô ha de chupar....
Porem tambem se quizer
Muito caro ha de pagar...

Veja como está madura,
Bonitinha avermelhada...
E' escorregar com os cobres,
E dê lá sua dentada.

Então gostou, meu yôyô?
Isso mesmo eu lhe dizia,
Já vê que fructas gostosas
São as que vem da Bahia.

É TÃO BOM, NÃO DOE NEM NADA.

LUNDU'

Minha doce yayásinha
Quando está toda enfadada
Dá pancadinhas na gente...
E' tão bom, não dóe, nem nada.

Gosto della só por isso,
Que a pancada tem feitiço.

A's vezes bulo com ella
Para vél-a amofinada,
Me dá, me pucha os cabellas
E' tão bom, não dóe, nem nada.

Gosto della só por isso
Que o enfado tem feitiço.

Hontem brincando comigo
Me pregou uma dentada,
Exclamei, mesmo ferido,
E' tão bom, não dóe, nem nada.

Gosto della só por isso,
Que a dentada tem feitiço.

Um dia dando-lhe um beijo
Pôz-me a lingua ensanguentada,
Então me rindo lhe disse —
E' tão bom, não dóe, nem nada.

Gosto della só por isso.
Que seus modos tem feitiço.

MINHA TERRA TEM PALMEIRAS

PARODIA DA CANÇÃO DE GONÇALVES DIAS

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o saviã,
Macacos e bananeiras,
Papagaios, boitatá ;
E' terra de feiticeiras
A terra do geribá ;

Mas tambem tem mais *cositas*
Que o vate não quiz cantar ;
Além das moças bonitas
Que adrede quiz olvidar :
Tem novellas exquisitas.
Que ha de a historia rabiscar.

Minha terra tem cantores
De imaginação ferosa,
Que só cantão vãos amores
Que é molestia lacrimosa,
Esquecendo-se e entre as flores
Do gaiato Juca-Rosa !

Minha terra é justiceira
E protectora do pobre ;
Quando vê que ha ladroeira
No seu novo, Augusto cobre
Indaga-se a brincadeira
Foi lembrança de algum nobre !

Boa terra, eu te bemdigo
Na sombra dos meus coqueiros,
Mas quero ver se comsigo
Voto de alguns fazendeiros
Para dar fundo commigo
Nos profundos estaleiros.

Não fallo desse estaleiro
Onde se bate a moeda,
Onde se funde o dinheiro
Que salva os bancos da quêda,
Quando não tem padroeiro
Que desse golpe os arreda.

Ah ! Não, que eu tenho a mão grossa
E o azinhavre nodôa
A quem do pouco se apossa
E deixa o melhor atôa,
Só por pensar que uma cóssea
Nãc ha de ser cousa bôa !

Fallo da casa onde a gente
Já vive jmais descansado,
Onde as leis annualmente
Quasi sempre *orção* de lado,
Fallo, emfim, do immortal ente
A quem chamamos senado.

Ah ! se eu me apanhasse estendido
Naquellas fofas cadeiras,

A ler da historia de Dido
As anedotas guerreiras,
E do futuro esquecido
Passar semanas inteiras !...

Mas... não, que se eu pretendesse,
Dormindo ao leme do Estado,
Esperar que a onda viesse
Com o vento de braço dado
Levar-me o barco e a mésse
Que eu nelle tinha guardado.

Eu não sei o que seria
Do meu orgulho, por Deus :
Qual Quinto Carlos iria
Sepultar os dias meus
Entre os frades e ouviria
Por minha alma os cantos seus !

Safa ! Não quero : essa graça
E' só capaz de matar ;
Meus versos nem por chalaça
Querem tal cousa provar.
Por não ouvir pela praça :
— Lá vai elle !—Perfilar !

Se eu fosse rico e barão
Na terra dos capoeiras,
Que me importava o pregão
Dessas folhas *jarnaleiras*,

Se para ser-se ladrão
Não bastam provas ligeiras ?

Na terra de Casimiro
Onde canta o sabiá
E' eloquente o suspiro
De uma morena yayá,
Por quem eu pasmo e deliro
Co'as flores no samburá!

Ora adeus, terra de flores,
De *Rosas* e manos Jucas,
De Jucas Rosas, e amores
Caçados em urupucas,
E' melhor ser, meus senhores,
Filho (ou genro) das Molucas !

Alli não ha figurões,
Que com honras na *casaca*
Deixem os seus corações,
Frios quaes folhas de faca,
Vender-se pelos balcões
Como toucinho em bruaca !

Na terra de Magalhães,
Que o Corso audaz decantou,
Atam pedras, soltam cães
Contra aquelle que engeitou
Dos talentos charlatães
A sciencia que os formou !

Onde nasceu Bonifacio
 E viverão Souza e Ledo
 Ha mais heróes que o de Ajáccio,
 Que morreu sobre um rochedo :
 Ha de pé inda um horacio
 De penna em punho—é Macedo !

Ha praga de mais viscondes
 Que os gafanhotos no Egypto,
 Pernas quebradas por bonds,
 E tu, *Capadocio* afflicto,
 Que no theatro te escondes
 Sendo lá mesmo maldito !

Ha uma briga incessante
 Entre maçons e o prelado,
 Que faz lembrar o massante
 Xarope do bosque amado,
 Que fez o papel farçante
 De um menino malcriado !

Ha no jornal mil mofinas
 Sempre de cá para lá,
 Recadinhos ás meninas
 E as respostas da sinhá
 'Terra de auroras divinas
Onde canta o sabià !

Ha das selvas na avenida
 A sentinella perdida
 Das nossas raças gentis,

Que fallão á alma dos bosques
Como o chim nos seus kiosques
A lingua dos Guaranys !

O retratista inspirado
Á voz do cantor alado,
Que se emballa ao manacá,
E que de graça suprema
Enche os olhos de *Iracema*
Com os raios de Tupá !

Ha tambem sobre os outeiros,
Ás vezes, taes nevoeiros,
Que parece terra ingleza :
E lá no Sul faz *um* frio.
Que parece dous no *rio*,
Que creou *Anna Thereza* !

Ao Norte faz *um* calor
Como caldeiras a vapor
Nos intestinos do inferno ;
Só o que paga taes penas
São certas *caras* morenas
De olhos negros, riso eterno !

Qual foi a côr primitiva
Daquelles olhos, que em viva
Creação hoje nós vemos,
Eu não sei, mas tão tafúes
São para mim os azues
Como os *pardos*... leva remos !

Como os pardos, eu dizia,
 Ou como os *verdes*, que um dia
 Roubão do gato a viveza,
 E que electricos ferindo
 C'os *amarellos* vão indo
 Para a *nacional* grandeza!

Em narizes não fallamos,
 Porque os moldes que encontramos
 De que terra são não sei:
 Ha nariz de toda a marca
 Desde o que serve ao monarcha,
 Até um que é *quasi-rei*.

Talvez na Babel de agora
 Em vez da lingua, que outr'ora
 Se trocou fosse o nariz,
 Que dos tucanos a raça
 Mandasse vir por chalaça
 Para os homens—de Paris!

Nas terras do Ybiticuára
 Onde espalma azas a arara
 Couse pasmosa eu ja vi,
 É que a cabeça do moço
 Sempre em cima do pescoço
 Não se desloca d'alli.
 Nas mulheres... psio! Caluda!...

(Esta boa linguaruda
 Ia mettendo-me a pique!)

Não quero que o namorada,
« Meiga estrella da alvorada »
Faça della o seu debique !

Passa fóra ! (a bossa -entende-se)
Que a namorada (comprehende-se)
Não sou capaz de *enxotar* ;
E' mais facil a um parente
Para mandar de presente
Seus *mimos* encaixotar !

Constão os taes de dez cartas
De aromas mais do que fartas
E o seu cabelo em trancinhas.
O qual para não safar-se
Do peito onde foi plantar-se
Vem preso a rubras fitinhas !

Quanta belleza de estylo !
Eu não sei mesmo se aquillo
Era discurso ou sermão :
Tinha versinhos em prosa,
Cuja syntaxe engenhosa
Titillava ao coração.

E' uma gloria adorar-se
Um *anjo* tal e casar-se
Sem mais noticias... e cousas,
Antes que o tempo das chuvas
Amadureça estas uvas
Na guella de outras rapozas.

PADECIMENTO

POESIA DE A. J. DE SOUZA, MÚSICA DE A. L. DE
MOURA

Mulata, tu és a causa
De eu andar aos trambulhões,
Levo chulipa—supapo,
Cacholeta—pescoções.

Ando cêgo—atoleimado,
Dou nas portas narigadas,
Babo-me todo, me esfollo,
Me arranho—dou canelladas.

Tenho os olhos inflammados,
A cara toda papuda,
Bebo agua choca com bichos,
Como barata cascuda.

Mulata, tu és a causa
De eu tornar-me um lambasão ;
Lambo o ranho do nariz,
Dou cambalhotas no chão.

Tusso, espirro, escarro, cuspo,
Mas me falta não sei que ;
Bebo cana, masco fumo,
Só de amores por você.

Mulata, minha mulata,
De teu bem tem piedade,
Fazer bem a quem padece
E' virtude—é caridade.

Mulata, morrer por ti
E' agora o meu officio,
Ou dá a meu mal alivio
Ou me manda para o Hospicio.

MULATINHA DO CAROÇO

Mulatinha do caroço
No pescoço,
Eis aqui o teu cambão :
Mette o ferro d'aguilhada,
Minha amada,
No teu dengue cachorrão.

Eu gosto da côr morena,
Sempre amena,
Que me prende e me arreбата ;
Essa côr é da faceira,
Feiticeira,
Mulatinha que me mata.

Eu gosto dos olhos della,
Quando ella
Para mim os quer volver ;

Esses olhos melindrosos,
Tão formosos,
Dizem sim até morrer.

Não gosto da côr do lyrio,
Que dilirio
Vi causar já de repente:
Nem tambem da côr saturna,
Ou nocturna,
Que o sepulchro traz patente.

Amo a côr que se colloca
Na pipoca,
Na parte que não rebenta :
Essa côr, assim querida,
E' conhecida
Nos bollinhos de mãi Benta.

Ob ! que sim, por essa côr
Do do meu amor,
Me derreto e m'espatiso :
Tenho febre, tenho frios,
Calafrios,
Tenho gosma tenho typho .

Fura, fura, minha bella,
Na costella
Do teu grato camafeu :
Dar-te-hei o que puder,
Se és mulher,
Meu amor de ti nasceu.

Dar-te-hei o que quizeres,
Se fizeres
Quanto trago em minha mente ;
Nos teus braços, meus cuidados,
Oh ! peccados !...
Vai-te embora, que vem gente !

O SOLDADO E A COZINHEIRA

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA

— « Não fujas, ó minha bella,
Attende a este meu rogo ;
Sou soldado, ó cozinheira,
Como tu gósto do fogo !

« Tu vives constantemente
Junto ao teu cão e fogão ;
Pois tambem minha arma antiga
Tem seu fogão com seu cão.

« Tu entras em brava guerra
Matas gallinhas, leitões ;
Eu cá tambem metto a espada
Em inteiros batalhões !

« Gostas do sangue, que corre,
Não te causa nada horror ;

Assim também sou eu mesmo,
Vejo o sangue sem pavor.

« Co'os mortos passas os dias
Os teus bifes a bater ;
Tambem bato os inimigos
Para mil mortos fazer.

« O fogo é nosso elemento,
Tu e eu somos de fogo ;
Tu nasceste no Vesuvio,
Eu nasci no Botafogo. »

NÃO POLKAS ?

POESIA DE UMA NICTHEROHYENSE, MUSICA
— OH ! QUE LINDA MOÇA !

Não polkas, Cazuza ?
Ai ! vamos polkar ;
Eu quero em meus braços
Prender-te com laços .
Eu quero correndo,
Na polka me erguendo
Comtigo sonhar !

Ai ! vamos, corramos
E nada temamos
No nosso polkar ;

Meu peito estremece :
A' orchestra parece
Que quer acabar !

A polka não cansa
Ai ! vamor polkar...
Eu quero correndo
E tonto te vendo
Dizer-te um segredo
A furto... com medo,
Depois me sentar.

Eu quero cançada
Comtigo abraçada
Dizer-te—meu bem—
Eu quero mostrar-te
Que só hei de amar-te
A ti—mais ninguém.

No forte da polka
Não fujas de mim...
Não vês que enlouqueço,
Por ti só estremeço ?
Não fujas querido...
Me tens entendido ?
Não sejas assim !

Corramos, meu bem,
Comigo ninguém
Jámais polkará :

Sou tua e és meu...
Por tudo que é teu,
Sagrado que ha !

A TERNURA BRAZILEIRA

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Não posso negar, não posso,
Não posso por mais que queira,
Que o meu coração se abraza
De ternura brasileira.

Uma alma singella e rude
Sempre foi mais verdadeira,
A minha por isso é propria
De ternura brasileira.

Lembra na ultima idade
A paixão lá da primeira,
Tenho nos ultimos dias.
A ternura brasileira.

Vejo a carrancuda morte
Ameigar sua vizeira,
Por ver que ao matar-me estraga
A ternura brasileira.

NÃO TE RIAS OH MENINA

POESIA E MUSICA DO DR. J. M. NUNES GARCIA

Não te rias oh menina
Que teu riso é venenoso,
O maior dos teus agrados
Me foi sempre suspeito.

*Vai-te, ó menina,
Não te lamentes,
Que bem conheço
Como tu mentes.*

Emquanto por ti chorei
Cruel foste p'ra comigo,
Cançade d'amor sem fructo
No silencio achei abrigo.

Vai-te, etc.

E' amor tão transitorio
Que achei loucura amar,
Pois se hoje amor dá risos
Amanhã nos faz chorar.

Vai-te, etc.

Não procurei a ventura
Mas emfim estou venturoso,

Regeitando teus agrados
Eu me vejo mui ditoso.

Vai-te, etc.

E' das bellas regeitado
Quem lhes não captiva a alma,
Mas eu qu'as bellas regeito
De amante não quero a palma.

Vai-te, etc.

A LAVADEIRA

POESIA DE M. M., MUSIGA DE ARVELLOS

Neste mundo a lavadeira
Não póde ter coração,
Seus amores devem ser
A gamella e o sabão.

*Yôyo me desculpe
Não seja teimoso,
Quem é que recusa
Namoro rendoso,*

O meu lindo estudantinho
Se não tem roupa lavada ;
Diz que foi ver freguezia
Por entre a raprziada.

Yôyô, etc.

Mas se as vezes eu encontro
Mocinhos apatacados,
Não lhes hei de dar com gosto.
Os botões mais bem pregados.

Yôyô, etc.

Então sim, lá mesmo á casa.
A roupa lhe vou buscar ;
Elles dão-me em tróca disso,
O dobro se a fôr levar.

Yôyô, etc.

Assim vou passando a vida
Suave como ninguem,
Pois desses moços assim
A roupa nem sujo tem.

Yôyô, etc.

E affirmo que apezar
De não ser má lavadeira,
Vale mais o meu sabão,
Que a gomma da engommadeira.

Yôyô, etc.

DIGA, NHANHÃ SEREI FELIZ ?

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Nhanhã eu digo a você
 Diga-me você a mim,
 Estou morrendo de amor,
 Estará você assim?

*Diga nhanhã
 Serei feliz?
 Eu tenho dito,
 Você que diz?*

A's vezes não pode a boca
 Tudo o qu'eu sinto dizer ;
 Pãnho o coração nos olhos,
 Pode alli nhanhã vir ver.

Diga, etc.

Ponha a mão sobre o meu peito
 Porque as duvidas dissipe ;
 Sentirá meu coração
 Como bate tipe, tipe.

Diga, etc.

Não cuide nhanhã não cuide
 Qu'ellø seja pequenino ,

E' mui grande, mas por medo
Bate assim de vagarinho.

Diga, etc.

Se você quer animal-o,
Verá que bate mais forte ;
Qu'em você o consolando
Hade bater d'outra sorte.

Diga, etc.

FLOR DAS MATTAS

POESIA DE BRUNO SEABRA

Nos sertões, entre os verdores,
Ha uma flor—entre as flores
Que n'outras terras não ha ;
A morena sertaneja,
Que nas florestas viceja,
Só nas florestas de lá.

No leito de flor das selvas,
De folhas de murta e relvas
Que brotam nos devezaes,
As quentes sestras nas matas,
Ao murmurar das cascatas,
Dorme á sombra dos palmaes.

Embalada docemente,
Pela brisa rescendente
Dos perfumes do sertão
Na leve rede de pennas,
Com saudosas cantilenas
Acalenta o coração.

Ai! se a topa adormecida
Na rede, ou relva florida,
Esta caça—o caçador!
Perde o rasto do galheiro,
E vai cair prisioneiro
No doce laço de amor!

Com fitas côr de *esperanças*
Sertaneja prende as tranças
Com que prende os corações;
A baunilha, o cravo, a rosa
Ornam-lhe da fronte airosa
As naturaes seducções.

E'-lhe a existencia—um festejo,
Faz-lhe a floresta—cortejo,
Dão-lhe flores—os vargeis;
Na choça,—seu regio paço,
A rede é como um regaço
De amores, fructos e méis!

Ai! sertões dos meus amores,
Onde nasce entre os verdores
A mais linda *manacá*,

A morena sertaneja,
Que nas florestas viceja,
Só nas florestas de lá !
Quem me déra...

SE O MEU BEM NUNCA MUDAR

Novos ares, novos climas
Irei longe respirar,
Lá mesmo serei ditoso
Se o meu bem nunca mudar.

Esses mares solitarios
Vou chorando transitar,
Mas depois ver-me-hão alegre.
Se o meu bem nunca mudar.

O riso que nos meus labios
Viam constance pairar,
Verão de novo raiando
Se o meu bem nunca mudar.

Porém a ausencia me priva
Ao della me separar,
O prazer que hei de sentir
Se o meu bem nunca mudar.

AMOR DO BRAZIL

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA.

O amor que é cá do reino
E' um amor caprichoso;
O do Brazil todo á doce
E bem bom e bem gostoso.

*Gentes como isto
Cá é temperado,
Que sempre o favor
Me sabe a salgado;
Nós lá no Brazil
A nossa ternura
A assucar nos sabe,
Tem muito doçura,
Oh! se tem! tem.
Tem um mel mui saboroso.
E' bem bom, é bem gostoso.*

Eu tremo se o meu bem vejo
Enfadadinho e raivoso,
Mas o momento das pazes
E' bem bom e bem gostoso..

Gentes, etc.

Um certo volver dos olhos
Inda um tanto desdenhoso,

No meio disto um suspiro
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Um dizer-me vá-se embora
Com um adeos cicioso,
E um apertinho de mão
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Um ir vêr-me da janella
Com um modo curioso,
E então assoar-se a tempo
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Um temer um ladrãozinho
Que me assaltasse aleivoso,
Bater-lhe por isso o peito
E' bem bom e bem gostoso

Gentes, etc.

Ao moço que me acompanha
Um perguntar cuidadoso,
Um ai de desasustar-se
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Quando triste estou em casa
A recordar-me saudoso,
Um recadinho que chega
E' bem bom e bem gostoso

Gentes, etc.

Um escripto em duas regras
D'um modo mui amoroso,
Um misturado de letras
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Vir a gente rebolindo
Ao chamado imperioso
Ouvir-lhe *apre inda não chega !*
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Chegar aos pès de nlanhã,
Ouvir chamar preguiçoso,
Levar um bofetãosinho,
E' bem bom e bem gostosa.

Gentes, etc.

O BANQUEIRO

MUSICA DE ALMEIDA CUNHA

O diabo da menina
Comigo se enrabichou,
De tal modo que por mim
Um banqueiro abandonou.

Dava-lhe o rico banqueiro
Seiscentos mil réis mensaes,
Eu por dia dou-lhe cinco,
E a menina pede mais.

Pede mais, mas não me deixa,
Gosta mais do meu dinheiro,
Acha mais gosto nas minhas
Que nas notas do banqueiro.

Trata as minhas com apreço,
Trata as delle com desdem ;
Eu não sei, ella é quem sabe,
As minhas que gosto têm.

O banqueiro é um labrego,
Grosseiro por natureza,
Talvez que as notas nem saiba
Dar-lhe com delicadeza.

Elle dá notas mensaes,
Eu dou as minhas por dia,

Com toda a delicadeza,
Com toda a diplomacia.

As vezes eu dou-lhe as notas
Com geitos e modos taes,
Que em suspiros, dá-me em troca
Ternas notas musicaes.

Feito o troco diz tomando
A bolsa do meu dinheiro ;
— « Quem é que troca essa bolsa
Pelo banco de um banqueiro !

O LADRÃO DO FRADEZINHO

O ladrão do fradezinho,
Deu agora em confessor,
Eu em confissão lhe disse,
O' frade não quero amor.

Este amor não é meu,
E' de Raphael,
Quando Raphael fôr
E' de quem quizer ;
Aturai minhas raivas,
Meus calundús,
Apezar das cousinhas
Que eu bem quizer,
Ai ! me larga diabo,

Ai ! me solta demonio ;
Diabo do frade !
Que frade danado,
Me solta os babados
Meu bom Santo Antonio.

Elle um dia me encontrou
Lá na rua do Ouvidor,
Eu gritando lhe disse ;
— Frade não quero teu amor.

Este amor não é, etc.

Frade se queres ter vicio
Antes seja jogador,
Vá encommendar defunctos
Na igreja de S. Salvador.

Este amor não é, etc.

O MEIRINHO E A POBRE

DUETTO

Meir. — Olá, vamos sem demora
P'ra casa da correcção ;
Tanto pobre na cidade,
Não está má vadiação.

Pob. — Veja bem, Sr. meirinho :
Deste lado estou esquecida,
Esta mão p'ra nada serve,
Deste olho estou perdida,

Meir. — Minha pobre, não m'embraça,
Póde muito bem servir,
Inda moça reforçada,
Deixe a vida de pedir.

Pob. — Como poderei viver,
Sem esmolas dos fieis ?
Sr. meirinho vá s'embora
E me dê alguns dez-réis.

Meir. — Marche já minha devota,
Tenho ordens apertadas ;
Velhas, tontas, moças, tortas,
Irão todas amarradas.

Pob. — Se me leva, senhorzinho,
Muita casa o sentirá,
Dos meninos que educo,
Coitadinhos, que será ?

Meir. — Oh ! mulher, não sei que diz,
Venha já para a prisão...

Pob. — Ah ! me deixe, senhorzinho,
Qu'eu lhe dou meu coração.

Ambos. — Já que o amor assim nos prende,
Da policia escapemos,
Pois se desta nós zombamos
Com amor os não podemos.

Pob. — Eu sou pobre, isso é verdade,
Mas sou pobre mui fagueira,
Sei dançar o miudinho,
Sei puxar minha fieira.

O Brazil tem seus meirinhos
Que nos prendem com ternura,
Porque os moços brasileiros
Tem feitiços, tem doçura.

Meir. — Tambem tem nesta cidade
Pobrezinhas com desdem,
Ellas fazem traquinadas
Com artes não sei de quem.

Da justiça official
Nem por isso sou marreco,
Quando estendo minha gambiã
Sou mais leve que um boneco.

Ambos. — Pois vivamos sempre juntos,
Meirinhando com pobreza,
Pois amor quando nos prende
Não, não s'importa com riqueza.

O' MEU BEM, SE VOCÊ VISSE...

LUNDU'

O' meu bem, se você visse
 Meu coração como está ;
 Verias que p'ra castigo
 Teu rigor já basta já.

*Agora supplico
 Soccorro perdão,
 Pancadinhas assim
 Não me de mais não.*

Yayazinha é d'aquellas
 Que castiga sem ralhar ;
 Dá pancadinhas na gente
 Caiadinha sem fallar.

Agora, etc.

Yayazinha, por quem é.
 Tenha dó do seu captivo,
 Pois que de tanto chorar
 Não sei como inda 'stá vivo.

Agora, etc.

AONDE ESTA' O MEU BEM ?

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

O meu coração palpita
Continuos pulos me dá ;
Elle pergunta inquieto
Aonde o meu bem está :

E onde está o meu bem.

Ao depois que eu não sei della
Tambem de mim não sei já ;
Voa amor, e vai saber
Aonde o meu bem está :

E onde, etc.

O caminho que ella piza
Aspro caminho será ;
Vai amor espalhar flores
Aonde o meu bem está :

E onde, etc.

O Sol c'os ardentes raios
A terra alli queimarás
Vai amor cobrir c'os as azas
Aonde meu bem está :

E onde, etc,

Pelas desertas campinas
O meu bem se assustará ;
Leva esta alma destimida
Aonde meu bem está :

E onde, etc.

De quem por ella suspira
Talvez não se lembrará ;
Leva amor os meus suspiros
Aonde meu bem está :

E onde, etc.

A triste melancolia
Tristemente a seguirá ;
Leva amor doces prazeres
Aonde meu bem está :

E onde, etc.

Que tempo estarei sem vê-la ?
Dize, amor, quanto será ;
Traze o meu bem, ou me leva
Aonde o meu bem está :

E onde, etc.

A MULATINHA E NHONHO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA

— Onde vai, sinhá, tão chique ?
Que bonita mulatinha !

— Nhonhô, não bula commigo,
Deixe seguir quem caminha.

— Onde vai com tanta pressa
Que não me deseja ouvir ?

— Vou à missa, como sempre,
Deixe-me nhônô, seguir.

— Porque não dá-me um beijinho
Que mate esse meu feitiço ?

— Oh gentes ! que moço este !
Pois então eu cá sou disso ?

A MARREQUINHA DE YAYÁ

POESIA DE PAULA BRITO, MUSICA DE F. M. DA SILVA

Os olhos namoradores
Da engraçada ya-yázinha,
Logo me fazem lembrar
Sua bella marrequinha.

*Yayá, não teime,
Solte a marreca,
Se não eu morro
Leva-me a breca.*

Se dançando a *brazileira*
Quebra o corpo a *yayázinha*,
Com ella brinca pulando
Sua bella *marrequinha*.

Yayá não, etc.

Quem a vê terna e mimosa
Pequenina e redondinha;
Não diz que conserva presa
Sua bella *marrequinha*.

Yaya não, etc.

Na margem da *Caqueirada*
Não ha só bagre e tainha,
Alli foi que ella creou
Sua bella *marrequinha*.

Yayá não, etc.

Tanto tempo sem beber,
Tão *jururú*... coitadinha...
Quasi que morre de sede
Sua bella *marrequinha*.

Yayá não, etc.

O PICA-PÁU ATREVIDO

(FADO MINEIRO)

Oh pico-pau atrevido,
Atrevido pica-páu,
Que anda de galho em galho
Picando de páo em páo.

*Para aonde vai,
De onde vem:
Se você vai
Eu vou também,
Se você fica
Adeus meu bem.*

A lagoa já seccou
Onde a pomba ia beber ;
Não se pode ter amor
A quem não sabe agradecer

Para onde, etc.

Atrevido pica-páo
Fez de um páo o seu tambor.
Para tocar a alvarada
Na porta do seu amor.

Para onde, etc.

O PAI AVO

Pai avô era tão velho
Que de velho caducou ;
Se de velho não morresse,
Era eterno o pai avô.

Quinhentos gallos de fama,
E jamais nenhum cantou ;
Isso por causa do ronco
Do papo do pai avô.

Quinhentas braças de terra
Todas no chão afundou,
Sómente com o balanço
Do andar do pai avô.

Quinhentas onças comerão
O papo do pai avô ;
As onças se enfastiarão
E o papo ainda ficou.

Quinhentas peças de panno
No leilão se arrematou,
Todas p'ra fazer tirantes
Dos calções do pai avô.

Quinhentas mil lavadeiras
Certo dia se chamou.
Para lavar a catinga
Dos calções do pai avô.

AMORES BRASILEIROS.

POESIA DO DR. QUEIROZ, MUSICA DE ?...

*Pelas cidades e mattas
Ca do Brazil viajei.
Morenas, alvas, mulatas
Com ternos quindins amei.*

Não era por inconstante
Isso não : era prudencia,
Que as bellas têm genio errante
Conheci por exp'riencia,
E julguei qu'era melhor
Fugi-las eu d'antemão,
Que vê-las com tanto amor,
Bem que tivessem razão.

Pelas cidades e mattas, etc.

A cortezã Carioca
Tem amores exquisitos,
Canta bem, e dança, e toca
Com luxos e faniquitos ;
Mas della Deus me defenda,
Não gosto de hypocrisia ;
Doce amor a amor se rende,
Mas sem tanta cortezia.

Pelas cidades e mattas, etc.

Da Parahyba as meninas
 Com pasteisinhos de nata,
 E faceirices malinas
 D'amores a gente mata :
 « Porque não foi, como disse,
 A' fonte do Tambyá,
 « Preferio a golodice
 « Lá da casa de yá- yá ? »

Pelas cidades e mattas, etc.

Mãosinhas e pés pequenos,
 A tez de morbida alvura,
 Languidos olhos serenos
 A derramarem ternura,
 A todas em mimo excede
 N'á Tudinha de S. Paulo ;
 E' houri de Mafamede,
 Foi meu celeste regalo.

Pelas cidades e mattas, etc.

« Ai ! mecê já me não gosta,
 « Custa tanto apparecer !
 « Quer fazer comigo aposta
 « Que novo amor já vai ter ? »
 E como zangado eu fiquei
 Dos dedos fórma um grupinho
 Com denguiçe, e pudor chique
 De lá me atira um beijinho.

Pelas cidades e mattas, etc.

Cahi em fim prisioneiro
De sinhá mineira bella,
Adoro seu captiveiro,
Fiel serei sempre a ella.

Pelas cidades e mattas, etc.

A Bahiana dengosa,
Com um sorriso brejeiro,
Me dá garapa gostosa
De que ella bebeu primeiro,
E na esteirinha assentados
Ao alvissimo luar
De vatapá os bocados
Na boca me vem botar.

Pelas cidades e mattas, etc.

Quantas delicias me deu
Pernambucana yayá,
Quando de mim se escondeu
Nos banhos de Canxagá ?
« Vamos p'ra casa priminho,
Diz appressada a vestir-se;
« Nesse banheiro vizinho
« Tem gente que está a rir-se.

Pelas cidades e mattas, etc.

Minha lyra bandoleira
Só por ella hei de tanger,

Mas com saudade fagueira
De meu antigo viver.

Pelas cidades e mattas, etc.

A SAIA-BALÃO

POESIA DE EMILIANO DA SILVEIRA

Petit-maitre, afasta, afasta
Deixa passar o *balão*,
Que quasi encalha nos beccos
Nas tardes de viração.

Entre a gente de bom gosto
E' geral a opinião,
Não haver cousa mais linda
Que as arcadas de um *balão*.

As damas de nossa terra
Cada qual tem mais brasão,
Quando se mettem no centro
Das arcadas de um *balão*.

Já não se falla em anquinhas,
Nem nas modas que lá vão,
Porque não enfeitam tanto
Como as saias a *balão*.

Se vemos a moça bella
No andar varrer o chão,
E' porque traz a vassoura
Nas arcadas do *balão*.

Se a moça passa, garrida,
Esbelta, sem ter senão,
E' que os defeitos s'escondem
Nas arcadas do *balão*.

O balão foi um progresso
Da presente geração,
Corrigem muitos defeitos
As arcadas de um *balão*.

Torna gentil a disforme,
Dá belleza e perfeição,
Para tudo dão remedio
As arcadas de um balão *balão*.

Os pobres pais de familias
Achão boa esta invenção,
Que em lugar de vinte saias
Combram sómente um *balão*.

Já se diz lá pela Europa
Que o proprio Napoleão
Vai mandar armar as calças
Com arcos—como o *balão*.

CONTIGO SO POSSO EU

POESIA DE UMA FLUMINENSE, MUSICA · *Eu posso com
mais alguém.*

Porque duvidas de mim?
De um amor que é todo teu?
Apre la com teus ciumes!
Comtigo só posso eu.

Quem tam pouco confiança
Na cabeça te metteu!
Teus amôos não mereço;
Comtigo so posso eu.

Taes duvidas bem mortificam
O sincero peito meu;
So eu posso supportar-te;
Comtigo so posso eu.

Diz-me pois, meu amuado
Esses zelos quem te deu?...
Taes ciumes são denguices;
Comtigo so posso eu.

Confia, meu bem, em mim
N'um peito que é todo teu;
Amor, ternura constancia
Quem te consagra sou *eu.*

QUALQUER MULHER QU'ENCONTRARES

Qualquer mulher qu'encontrares,
 Seja bella, ou seja feia ;
 Gritai logo,— boca cheia
 —Jesus ' nome de Jesus !

*Fogi d'ella, filho meu
 Como o diabo da Cruz.*

Se a encontrares de tarde
 Passeando muito airoza
 Té que a lua vagarosa
 Apresente a sua luz ;

Fogi d'ella, etc.

Se olhares para traz
 E ella te olhar tambem,
 Mostrando sem pejo á quem
 Só quer vêr os hombros nús ;

Fogi d'ella, etc.

 QUANDO EU ERA PEQUENINO

Quando eu era pequenino,
 Que diabinho
 Mais travesso havia então !

Quando as moças me beijavão,
Me abraçavão,
Já lhes dava beliscão...

E brincava c'o a priminha
Mariquinha,
Escondidos no quintal ;
Era tão bom o brinquedo,
Em segredo...
A' sombra do laranjal...

Lá beijava-lhe a boquinha,
Fechadinha,
Como da rosa o botão ;
E se ao beijal-a sorria,
Eu sentia
Palpitar-me o coração.

Mas hoje porque sou grande,
E s'expande
Em meu peito mais ardor ;
Já não acho quem me beije,
Quem deseje
Ou accite o meu amor !

Se a furto beijo a priminha,
Brejeirinha,
Vai dizer tudo á vovó,
Ouço então uma raspança,..
Que mudança !...
Até fallão-me em cipó !

Assim é: embora eu jure
E rejure
De não dar mais beliscão ;
Se peço um beijo a priminha,
Velhaquinha
Me responde—ora, pois não !

Quando penso no passado,
Mal gozado,
Lembro-me um conto que ouvi ;
E' pura moralidade,
E' verdade,
Nunca mais o esqueci :

—O gallo em quanto creança
Tem pitança
Que lhe dá mimosa mão ;
Depois de velho, coitado,
Alquebrado;
Bate c'obico no chão.

FEITIÇOS DA MULATA

Quando vejo da mulata
Um revendo bração,
Cabello liso e bem negro,
Largo chato cadeirão ;

*Eis-me ja todo rendido
Jà captivo da paixão,*

*Perco os sentidos de todo
Não fico mais gente não.*

Se brilham dentes de prata
Entre um beijo arrebitado,
E se este tem bigodinho
Bem compacto e azulado ;

Eis-me, etc.

Se um nariz arrebitado,
E um olhar desdenhoso,
Se seus gestos dão symptomas
De ter um peito amoroso ;

Eis-me, etc.

Se vejo pomos de Venus
Entre as vestes empurrar,
Se tem pulso feito a torno
Cinturinha de matar ;

Eis-me, etc.

Mais que o corpo, escurecido,
Se o sovaquinho diviso,
Todo bom, todo cheiroso,
Bem côr do céu, por bem liso ;

Eis-me, etc.

Se acaso o vento estampa
Nas vestes certo retrato,

Por quem suspiro morrendo
Por quem morrendo me mato.

Eis-me, etc.

Com um andar meigo—gingando,
Se me faz certos tremidos,
Aformoseando o rodaque
Com compassados bollidos ;

Eis-me, etc.

Se á final a gozar venho,
Tão subida formosura,
Me torno divinizado,
Deixo de ser creatura ;

*Eis-me então mais que rendido,
Mais captivo da paixão,
Entre soluços expiro,
Não fico mais gente não.*

ENGRAXATE IMBERNIZATE A LA MODE DE PARIS

POESIA DE M. M., MUSICA DE V. A. B.

Que maldita é esta vida
Soes e chuvas supportar,

Escovas, graxas em potes,
Eu sózinho a carregar.

Não sabem? Já meu retrato
No caixão mandei pregar,
Para ver si com tal luxo
Atenção vou despertar.

Porém s'eu vejo um freguez,
Com força o collega diz ;
Imbernizate, ingraxate,
A la mode de Pariz.

Então fico a ver navios,
N'um mar de graxa atolados,
Quando os pés dos taes freguezes
Pedem ser assim chamados.

Mas aos males tão crueis,
Que sente meu coração,
Encontro meus namoricos
Por terna compensação.

Namoro toda a crioula,
Seus olhos têm attracção ;
Das brancas nem mesmo a còr
Me causam mais sensação.

Que casamento feliz
Dentro em pouco irei gozar,

Indo abrir com a crioulinha
Uma casa de engraxar.

Seremos muito felizes,
O meu coração me diz ;
A ella unido p'ra sempre
A la mode de Pariz,

NAO AMO AOS GOSTOS DOS MAIS

Que se importa o mundo injusto
Com meus suspiros e ais ?
Não dou satisfação ao mundo
Não amo aos gostos dos mais.

*Hei de seguir
Meu coração,
Embora o mundo
Diga que não.*

Dizem que eu tenho máo gosto
Me dão razões taes e quaes ;
Não dou satisfação ao mundo
Não amo ao gosto dos mais.

Hei de, etc.

Uns dizem que ella é feia
Outros, tamandoaes ;

Não dou satisfação ao mundo
 Não amo aos gostos dos mais.

Hei de, etc.

QUEM É POBRE NÃO TEM VICIOS

Quem é pobre não tem vícios
 Deixe-se de namorar,
 Se as moças cantão assim
 Como pode o pobre amar

Fóra—lhe dizem
 As moças todas,
 Ninguém contigo
 Quer fazer bôdas.

Mas, seja o que fôr
 Já não m'embaraço
 Agora jurei
 Amar por pirraça.

NÃO SOU DE ENGANAR NINGUEM

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA.

Quem quizer saber se eu amo
 Repare em meus olhos bem,
 Elles dizem quanto sinto
 Não sou de enganar ninguém.

Estes meus olhos declarão
Tudo quanto esta alma tem,
Inda bem que elles o dizem
Não sou de enganar ninguem.

Não me canso com disfarces
Digo *amor* se quero bem,
Seja acceito ou não acceito
Não sou de enganar ninguem.

Eu, me alegro com carinhos,
Eu m'enfado com desdem,
Mostro enfado, mostro gosto
Não sou de enganar ninguem.

Sei que terno fingimento
A muito amante convém,
Mas não sei fingir paixões
Não sou de enganar ninguem.

A minha gentil Nerina
Gosto della, é o meu bem,
Não posso gostar das outras
Não sou de enganar ninguem.

Se a minha adorada ingrata
Der signaes de amar alguem,
Eu não quero amores d'outrem
Não sou de enganar ninguem.

Se ella não quer estimar-me
 E' seu gosto faz mui bem,
 Mas não espere qu'eu soffra
 Não sou de enganar ninguem,

O BICHO MULHER

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Quem quizer ter seu descanso
 Quem socego quizer ter,
 Va densa matta do mundo
 Fuja do bicho mulher.

*Roe por dentro
 Bem como a traça,
 E' quem motiva
 Nossa desgraça,
 Aquella menina
 Que tem mais graça,
 E' essa quem causa
 Maior desgraça*

Não temo leões nem tigres
 Nem já os devo temer,
 Depois de haver escapado
 Ao lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Ouço scibilar serpentes
E não me fazem tremer,
Assusta-me o ruge ruge
Do lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Dizem que o cocrodilho
A's vezes finge gemer,
Para matar assim finge
O lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Sinto dentro do meu peito
Não sei que cousa morder,
Dizem que isto é mordedura
Do lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Mas morder-me sem chegar-me
Isso não, não pôde ser,
Ai de mim ! morde c'o a vista
O lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Lanço ao ar as carapuças
Dêm na cabeça a quem der,
O que digo é fujão todos
Do lindo bicho mulher.

Roe, etc.

A SINHAZINHA

Quem quizer vem escutar
Como e bella esta modinha,
Como vou eu retractar
O que è de Sinhazinha.

Tem cabellos pretos, finos,
Na cabeça redondinha;
Esmierou-se a natureza
Como é bella a Sinhazinha.

Seus olhos são mui travessos,
E' morena e coradinha:
Os braços bem torneados;
Como é bella a Sinhazinha.

Seus dentes são côr de neve,
A cintura mui fininha;
O seu andar mui garboso;
Como é bella a Sinhazinha.

Brilha o riso nos seus labios
Como brilha uma estrellinha;
Toda elle é um composto;
Como é bella a Sinhazinha.

São os seio, côr de rosa,
Suas mãos são bemfeitinhas:
Seu fallar muito mimoso...
Como é bella a Sinhazinha.

Diga pois quem sabe amar
Quem ouviu esta modinha.
Como deixará de amar...
O que é de Sinhazinha.

MEU BEM ESTÁ MAL COM EU

POESIA E MUSIGA DE CALDAS BARBOSA

Quem terá de mim piedade
Eu peço soccorro ao céu ;
Que para todo me ir mal
Meu bem esta mal com eu.

Não é preciso que o digão
Eu bem vejo o rosto seu ;
Todo o carinho é disfarce
Meu bem esta mal com eu.

Logo que hoje entrei a vel-a
O coração me bateu ;
Palpitando me dizia,
Meu bem esta mal com eu.

Como foi esta mudança?
Isto como succedeo?
Só para estar bem com outro
Meu bem esta mal com eu.

Ai de mim que triste vida
Que cruel fado é o meu!
Que mesmo assim não sei como
Meu bem esta mal com eu.

Que suspeitou o meu bem ?
O meu bem o qu'entendeo ?
Eu não sei porque motivo
Meu bem esta mal com eu.

Eu não me soffro a mim mesmo
Minha paz ja se perdeu ;
Não posso estar bem comigo
Meu bem esta mal com eu.

A sua vista algum dia
Ternuras me prometteu ;
Agora não me diz nada
Meu bem esta mal com eu.

A alegria que me dava
A outro feliz a deo ;
Já se tem mudado a scena
Meu bem esta mal com eu.

Quem me vir chorar afflicto
Não cuide que alguém me deo ;
E' amor que me castiga
Meu bem esta mal com eu,

VIVA S. JOAO

POESIA DE PAULA BRITO, MUSICA DE UM BAHIANO

Resai meninas solteiras
Ao santo da devoção,
Fez sempre mil milagres
O Baptista S. João.

*Quem uma fogueira
Não póde saltar,
N'um livro de sortes
Brinquedo ha de achar.*

Emquanto a morte não chega
Se divirta quem puder,
Pois ninguem sabe da vida
O que Deus tem p'ra fazer.

Quem, etc.

Cuide as casadas nos filhos
Si ellas inda são crianças,
A solteira—coitadinha
Viva cheia d'esperanças.

Quem, etc.

E' dos bens o bem mais doce
O bem da religião,

Não é de Deus protegido
Quem não reza a S. João.

Quem, etc.

DEVOTAS DE SANTO ANTONIO

Sante Antonio, meu santinho
Attendei minha oração
Eu prometto ter-vos sempre
Juntinho ao meu coração.

*Livrai-me do laço
Oh meu Santo Antonio
P'ra que o demonio
Não venha tentar-me
A dar-vos um banho
No fundo do mar.*

Dai-me um noivo meu santinho,
Um noivo gordo ou bem magro,
Que me adore, e recompense
O amor que lhe consagro.

Livrai-me, etc.

Não o quero dos que fallam
Em bailes, funcções sómente,
Que esses tirados d'ahi
A fórmula só tem de gente.

Livrai-me, etc.

Não me dês destes que fallam
Com modos de santarrão,
Que cochicham segredinhos
Limpendo as unhas da mão.

Livrai-me, etc.

Dos que olham com tregeitos,
Com artes não sei de que !
Fallando sempre em amores
Meu Santinho não me dê.

Livrai-me, etc.

Dos que andam farejando
Casamentos com dinheiro,
Desses não, porque só querem
Escrava no captiveiro.

Livrai-me, etc.

Dos beatos moralistas
Que a tudo chamam—indecente,
Cruz demonio ! Agua salgada !
Deus me livre de tal gente !

Livrai-me, etc.

E' BEM FEITO ! TORNE A AMAR...

POESIA E MUSICA DE GALDAS BARBOSA

Se dos males qu'eu padeço
Aos outros me vou queixar ;
Todos rindo me respondem
E' bem feito torne amar.

Com meu proprio coração
Tenho razão de ralar ;
Quiz amar sendo infeliz
E' bem feito torne amar.

Suas antigas desgraças
Como podem não lembrar ?
Se tem outra é sua culpa
E' bem feito torne amar.

Devia fugir das bellas
E de onde as pudesse achar ;
Foi meter-se no perigo
E' bem feito torne amar.

Foi fiar-se em olhos lindos
Que ha em olhos que fiar ?
Será outra vez captivo
E' bem feito torne amar

Elle estava em seu soeego
Quiz-se mesmo inquietar

Assim o quiz assim o tenha
E' bem feito torne amar

Bem sabia o que amor custa
E quanto o faz suspirar ;
Soffra, padeça, suspire,
E' bem feito torne amar

Bem sabe que é do seu fado
O padecer, e callar ;
Mudamente vá soffrendo
E' bem feitó torne amar.

Sua antiga liberdade
Já lhe ha de em vão lembrar ;
Tem uns ferros que o cigurão
E' bem feito torne amar.

Dos que vi ainda estar prezos
Eu o vi livre zombar ;
Zombão delle agora os outros
E' bem feito torne amar.

Jactava-se mui vaidoso
De poder grilhões quebrar
Soffra agora grilhões novos
E' bem feito torne amar.

Não sabia que o menino
Nunca lh'esquece o vingar ;
Supporte a sua vingança
E' bem feito torne amar.

OS TEUS AMORES

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Sei de teus novos amores
 Tudo Timtim por timtim :
 Dizes que tal... e que não...,
 Eu sei que tal... e que sim !

Sei que deste aos teus amores
 Um raminho de jasmim ;
 E que apertando-lhe a mão
 Tu lhe disseste que sim

Este sim que tu lhe déste
 Deve ser para algum fim ;
 Julgá-lo eu máo?... isso não ;
 Que elle é bem bom?... isso sim !

 SENTEI PRAÇA NA BAHIA

Sentei braça na Bahia
 Desembarquei no Pará,
 A commandar as fileiras
 Da minha amante yáyá ;

*Ora que gosto
 Você me dá,
 Gosto de ti
 Minha sinhá ;
 Meu doce bem,*

*Minha vavá,
Gosto de ti,
Ladrão, dà cà.*

Cupido desceu do throno
Para tomar pitanguá,
Na mimosa bocetinha
Da minha amante yayá.

Ora, etc.

Mandei fazer um annel
Na ilha de Paquetá,
Para botar no dedinho
De minha amante yayá.

Ora, etc.

N'uma noite de luar
Provei' do doce maná
N'um beijo que dei nas faces
Da minha amante yayá.

Ora, etc.

LUNDU'

CHÁ PRETO, SINHÁ

Sinházinha hontem á tarde
Perdeu as côres mimosas;
Ai, quanto mais o sol arde,
Mais se desbotam as rosas.

*Sinhazinha, meu amor,
Vale a pena, regue a flor,*

*Ahi 'stá rosca fina,
Cha preto aqui está ;
Receia a mofina ?
Não tome, sinhà !*

As flôres da madrugada
Serão estrellas do dia ;
Da noite, a flôr será fada
De doce melancolia.

Sinhazinha, etc.

Já a noite solta o seu manto
E coram-te as faces bellas...
Sinhá, meu tímido encanto,
Oh ! rosa, gemea de estrellas !

*Sinhazinha, dê-me a flor,
Dou-lhe em paga meu amor !*

*E dou roscas finas,
E dou-lhe bom chà !
Não creia em mofinas,
Ai ! tome, .. sinhà ?...*

SINHO JUCA

*Sinhô Juca, va-se embora,
Não me conta historia não :
Ja s'esqueceu do que fez
Na noite de S. João.*

Ai meu Deos, sinhô Juquinho,
Você é os meus peccados ;
Vá-se embora já lhe disse
Não me queira dar cuidados...
Que as artes de sinhô Juca,
São mesmo artes do demonio ;
Para me ver livre d'ellas
Vou rezar a Santo Antonio :
Santo Antonio meu santinho
Livrai-me d'esta afflicção :
Fazei com que sinhô Juca,
Não me faça tentação...
Santo Antonio, Santo Antonio,
Que tentação do demonio.

*Sinho Juca, é forte teima !
Não bula comigo, não...
Não brinque como brincou
Na noite de S. João.*

Ai meu Deos, etc.

Sinhô Juca, arréde lá
Senão leva um bofetão :
Eu não quero mais gracinhas
Da noite de S. João.

Ai, meu Deus, etc.

Sinhô Juca, você chora
(Já se vio tai tentação) ?
Não se vá, que já não ralho
Da noite da S. João.

Ai meu Deus, Sinhô Juquinha,
Você é os meus peccados !
Eis de novo inda outra vez
Os meus protestos quebrados !
As artes de sinhô Juca
São mesmo artes do demonio:
Não me posso livrar d'ellas
Nem rezando a Sanio Antonio.

Santo Antonio, meu santinho,
Já não vales nada não :
O chorar de sinhozinho
Derreteu-me o coração ;
Santo Antonio, Santo Antonio.
(Que tentação do demonio) !

TA, TA TA...

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Sinto em mim varios effeitos.
Ha bem pouco para cá,
E o meu coração no peito
Está fazendo ta, ta, ta.

Eu não sei o que elle sente
Que tamanhos pulo dá ;
Só sei que sempre inquieto
Está fazendo ta, ta, ta.

Meu coração escapou
D'amor ás cadeias já.
E talvez com medo d'outras
Está fazendo ta, ta, ta.

Inda de antigas feridas
Vertendo algum sangue está :
E para fugir das setas
Bate as azas, ta, ta, ta.

Sinto a força de Cupido,
E as pancadas que alli dá,
O martello de ciume
Está batendo ta, ta, ta.

Pobre do meu coração
 Que amor despedaçou já,
 Um pedaço, e outro pedaço
Vai cahindo ta, ta, ta.

SÃO CIUMES DE UMA INGRATA

POESIA E MUSICA DE ?

Sinto no peito uma dôr,
 Que me consome e me mata?
 Essa dôr que o peito sente
São ciumes de uma ingrata.

A dôr que me martyriza
 Cada vez mais se dilata ;
 Ninguem curál-a me póde...
São ciumes de uma ingrata.

Tenho no peito um amor,
 Que meu socego arrebatá ;
 Os tormentos que me causão
São ciumes d'uma ingrata.

Se eu morrer dessa agonia,
 Que lentamente me mata,
 Creião todos—que me virem—
São ciumes d'uma ingrata,

Eu amei mais do que a vida
Essa que de mim não trata ;
Meus tormentos meus martyrios
São ciumes d'uma ingrata.

Perto já da fria campã
A agonia se dilata ;
Não são saudades do mundo,
São ciumes d'uma ingrata.

AI SEGREDO !

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Sou costumado a calar
E tanto póde o costume,
Que não me obriga a fallar
A razão, nem o ciume.

Ai segredo !
Eu se occulto não se sabe
Mas se o digo tenho medo.

Quando o severo respeito
A triste voz me suspende,
Outra língua amor tem feito
Que nos olhos bem se entende.

Ai querer !
Um suave mudar d'olhos
Muita cousa quer dizer.

Tenho medo até de alçar
Olhos em certa presença,
Tenho medo dos meus olhos
Porque fallam sem licença.

Ai que medo !
Os meus olhos tem meninas
Meninas não tem segredo.

Quando vejo a minha bella
Sinto o peito palpitar,
Manda amor, manda o respeito
Olnar eu e não olhar.

Ai segredo !
Eu se não olho não vejo
Mas se olho tenho medo.

Tanto as leis do meu segredo
Ao desafogo prefiro,
Que nem meus suspiros sabem
A causa porqu'eu suspiro.

Ai que medo !
Tenho medo que os suspiros
Dêem a saber meu segredo.

Hei de dar de certos olhos
Uma querela por ladrões,
Que de formosura armados
Vão roubando corações.

Ai que graça !
A prisão destes culpados
Dentro em meu peito se faça.

Ai segredo !
Quero ser seu carcereiro
De que fujam tenho medo.

SOLDADO DE AMOR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Sou soldado, sentei praça
Na gentil tropa de amor,
Jurei as suas bandeiras,
Nunca serei desertor :

*Eu sou soldado,
Eu sirvo amor,
Jurei bandeiras,
Nunca serei desertor.*

De cupido os regimentos
Não tem zabunba, ou tambor ;

Tem um certo mover d'olhos,
Que chama muito melhor :

Eu sou, etc.

Dos amorosos perigos
Eu não tenho nunca horror ;
Tenho valor de soffrer-los,
Quanto mais, quanto melhor :

Eu sou, etc.

A fraqueza d'algum chefe
Aos soldados faz temor
Eu não tenho que temer-me ;
Sirvo a um nome vencedor :

Eu sou, etc.

Emquanto amor bem me pague
Hei de servir bem amor,
Esfina seja meu soldo,
Nunca serei desertor :

Eu sou, etc.

Se do meu augusto chefe
Tenho honras e favor,
Eu devo fiel servi-lo,
Seja o perigo qual fôr :

Eu sou, etc.

Desertem os mais embora,
Quem tem coração traidor,
Jurei fé, cumpro os meus votos,
Nunca serei desertor :

Eu sou, etc.

AI BASTA NHANHÃ DE ME DIZER AMANHÃ !

POESIA DO DR. QUEIROGA, MUSICA DE ?...

Succede a um dia outro dia,
Um mez succede a outro mez,
Acaba um anno, vem outro,
E sempre a esperar me vês,
A esperar por uma hora,
Por um momento a esperar,
Que para o constante peito
Não acaba de chegar.

*Ai ! basta, basta, nhanhã,
De me dizer—amanhã.*

E' prazer delicioso
Esperar pelo prazer,
Mas esperar toda a vida
Faz a gente esmorecer,
De amor nutrindo a semente
Só a occasião faz dar

Fructo que torna aguado
Chocho prazer de esperar.

Ai ! basta, etc.

Quando já me desespera
O *não* de tua esquivança,
Um terno quindim me outorgas
Em que lampeja a esperança ;
Quem começa acabar deve,
E' mui feio atrás voltar,
De nós o povo não diga
Que estamos a caçoar ;

Ai ! basta, etc.

Resolve-te pois e busca
Opportuna occasião ;
Vê que um *sim* é tão bonito
Quanto é rouco e feio um *não* ;
E' fosquinha de criança
Estar de longe a mostrar
A teteia tão bonita
Que nunca se chega a dar.

*Arre là ! dize nhanhã,
E' hoje o nosso—amanhã ?*

TÃO LONGE DE MIM DISTANTE

Tão longe de mim distante
Onde irá teu pensamento,
Quizera saber agora
Se esqueceste o juramento.

*Quem sabe, virgem, constante
S'inda é meu teu pensamento ;
Minh'alma toda devora
Da saudade agro tormento.*

Quem pôde viver ausente !
Ah ! meu Deus ! que amargo pranto
Suspiros, angustias, dores,
São as vozes do meu canto.

*Quem sabe, virg'innocente,
Se tambem te corre o pranto :
Minh'alma, cheia de magoas,
Entreguei-te neste canto.*

APANHE PARA SEU ENSINO

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Tenho ainda um coração ;
Qual já não devêra ter ;
Pois não querendo o que eu quero
Quer só tudo o que elle quer :

*Hei de castigal-o ;
Ha de lhe doer ,
Dar-lhei pancadas
Para aprender :*

Apenas vê lindos rostos
Logo se lhe vai render ;
Não quer o que a razão manda ;
Quer só tudo o que elle quer ;

Hei de. etc.

Vê as barbas do visinho,
Do ciume em fogo arder ;
As suas não põem de molho ;
Quer só tudo o que elle quer :

Hei de, etc.

Não quer, quando é necessario.
Occultar o seu prazer ;
Diz nos olhos quanto sente.
Quer só tudo o que elle quer :

Hei de, etc.

Digo às vezes que não ame,
Que não ha de amado ser ;
O teimoso não me escuta,
Quer só tudo o que elle quer :

Hei de, etc.

Se é preciso contentar-se
Com metade do prazer ;
Não o contentão metades,
Quer só tudo o que elle quer :

Hei de, etc.

Ha mil destes corações,
Diga o mundo o que disser ;
Quem ama não quer conselhos ;
Quer só tudo o que elle quer :

Hei de, etc.

PONTO FINAL

POESIA DE PAULA BRITO, MUSICA DE GOYANO

Tive por certa menina
Uma paixão sem igual,
Que escapou de dar comigo
Dos doudos no hospital.

*Porém agora,
Meu coração ;
Pôz na oração
Ponto final.*

Amei com pontos e virgulas,
 Divisões e reticencias...
 Tiradas as consequencias
 Tudo era artificial !

Porém, etc.

O qu'ella por mim fazia
 Fazia a outro tambem ;
 Não ter amor a ninguem
 E' seu timbre natural.

Porém, etc.

NINGUEM TENHA DO' DE MIM

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Todo o mundo está pasmado
 De me ver andar assim,
 Ando cumprindo o meu fado
Ninguém tenha dó de mim.

Estou prezo e muito bem prezo
 Amor foi o meu malsim,
 Mas prisões d'amor são doces
Ninguém tenha dó de mim.

Já não tenho a liberdade
 Que rende-la a amor eu vim,

Sou captivo por meu gosto
Ninguém tenha dó de mim.

Todos chamão mal d'amor
Mal perverso mal ruim,
Eu padeço sem queixar-me
Ninguém tenha dó de mim.

Eu adoro a uma ingrata
Não ha genio mais ruim,
Assim mesmo gosto della
Ninguém tenha dó de mim.

Tenho dito não importa
Que o meu bem me trate assim,
Que esta vida toda é della
Ninguém tenha dó de mim.

Eu bem sinto a minha vida
Quasi posta já no fim.
Mas morrer d'amor me alegre
Ninguém tenha dó de mim.

A QUEM QUER BEM

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENCA

Todos ralhão quem ama,
E quem ralha ama tambem ;

Parece que neste mundo
 Nunca se vio querer bem !
 Quem quizer bem, vá querendo.
 Não se importa com ninguém.

O mundo é muito invejoso,
 Tem raiva de quem quer bem :
 Morrão de raiva ou de inveja,
 Ou, se não, que amem também.
 Quem quizer bem, vá querendo.
 Não se importe com ninguém.

A VIDA DO FRADE

Triste vida é a do frade,
 Inda peor que a da freira ;
 Andar de noite á carreira
 Na penitencia (*bis*)

E' preciso ter paciencia
 Com nosso noviciado,
 Andar um anno encerrado...
 Eu não sabia. (*bis*)

Eu bem disse que não queria
 Ser frade neste convento
 Porque tão grande tormento
 Exprimentei (*bis*)

A' força eu professei
Por meu pai assim querer,
Sou defunto, sem morrer,
Amortalhado (*bis*)

Vivo n'um fogo abrazado,
Com este burel vestido,
Quando me vejo despido
Estou contente (*bis*)

Quando me vejo doente,
Deitado na enfermaria,
E' quando tenho alegria
Pelo descanso (*bis*)

Se alguma licença alcanço
De meus paes ir visitar,
Se vão outros passear
Eu tambem vou (*bis*)

Assim que o canto voltou,
O meu leal companheiro
Procura a rua primeiro,
Dos seus amores. (*bis*)

Se é doente não tem dores
Porque solto assim se vê,
Inda que a gotta lhe dê
Não é tão forte, (*bis*)

Cuido ir buscar a morte
Quando subo esta ladeira,
Eu desço-a a toda carreira
A toda a pressa (*bis*).

De missas uma remessa
O guardião sempre tem ;
Ganhar um frade um vintem
Ora essa é bôa (*bis*).

Se morre alguma pessoa
Que officio vamos resar,
Todos juntos a cantar
Eu quero a vella (*bis*).

De noite á porta da cella
Certas matracas tocando,
Vamos-nos levantando
Orar p'ia o côro (*bis*).

Eu com isso quasi morro,
A's vezes sonambulindo,
Se estou sonhando ou dormindo
Tambem não sei (*bis*).

Acordado dormirei...
Todo o officio de agonia,
Vamos para a enfermaria
Versos cantar (*bis*).

O frade, perto a expirar,
Sem acabar de morrer;
Quando o dia amanhecer
 'Stá entendido (*bis*).

Já morreu arrependido
O nosso frade doente,
Ponha-se isso patente
 Que officio temos (*bis*).

Graças á Deus já resemos
Toca o sino a refeltorio,
P'ra tomar um vomitorio
 De arroz cosido (*bis*).

Se algum meu conhecido
Frade quizer se metter,
Antes se exponha a morrer
 Do que ser frade (*bis*).

Do mesmo se queixa a madre,
Por não acompanhar o frade...
Por não ter mais liberdade...
 E nada mais (*bis*).

A B C DE AMOR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

*Uma menina
Quer, que eu lhe dê
Lições de amor
Por A B C.*

- A.— amante
- Não ardilosa :
- B.— benigna,
- Não bolicosa :
- C.— Costante,
- Não curiosa
- Tome, menina,
- Lição gostosa

Uma, etc.

- D.— Delicada,
- Não desdenhosa:
- E.— Engraçada,
- Não enganosa :
- F.— Fiel,
- Não furiosa.
- Tome, menina,
- Lição gostosa.

Umã, etc.

- G.— He galante,
— Mas não golosa :
I.— E' ser justa,
— Não invejosa ;
L.— Leal,
— Não lacrimosa.
— Tome, menina,
— Lição gostosa.

Uma, etc.

- M.— E' ser meiga,
— Não mentirosa :
N.— Andar nedia,
— Não nojosa :
O.— Obediente,
— Nunca orgulhosa.
— Tome, menina,
— Lição gostosa.

Uma, etc.

- P.— E' prudente,
— Não preguiçosa :
Q.— E' quieta,
— Nada queixosa :
R.— Rizonha,
— Não rigorosa,
— Tome, menina,
— Lição gostosa.

Uma, etc.

A CANTORA

- S.— E' sincera,
 — Não suspeitosa :
 T.— E' ser terna
 — Nunca teimosa :
 V.— Verdadeira.
 — Nada vaidosa :
 — Tome, menina,
 — Lição gostosa.

Uma, etc.

- X.— Xocarreira,
 — Pouco xorosa :
 Z.— Zombadeira
 — Pouco zelosa
 — Tome, menina,
 — Lição gostosa.

Uma, etc.

Depois das lettras
 Bem decorar,
 Quer, que eu lh'encine
 A soletrar?
 Tome sentido
 Vá de vagar
 A, m, a, r,
 Soletre *amar*.

Quero ensinal-a
 Tim por tim tim ;

E lições dar-lhe
 Até ao fim :
 Olhe, menina,
 Bem para mim,
 S, i, m,
 Diga-me—*sim*.

Mas se lhe falla
 Um maganão ;
 Então é outra
 Nova lição :
 A mão levante
 Dé bofetão !
 N, ã, o,
 Diga-lhe—*não*.

VÁ PR'AS CABANAS

PARODIA DE VASQUES

Vá pr'as cabanas
 Guarde seu gado,
 Não me aborrece
 Sôr mal creado !

Você é dêmo
 Que me persegue,
 Vá pr'a o diabo
 Que o carregue :

Eis a fortuna
 Que eu tenho achado,
 Amar a prima
 Sem ser amada !

Vá pr'a os diabos
 Não seja mão
 Senão ás costas
 Vou-lhe de páo.

QUEIXAS A AMOR

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOSA

Venho amor de ti queixar-me,
 Ouve que eu tenho razão ;
 Principio por mostrar-te
 Qual eu tenho o coração.

*Isto amor não é bem feito,
 Não, não é bem feito, não.*

As doçuras promettidas
 Esperei, traidor, em vão ;
 Dize, se acaso estes golpes
 As tuas doçuras são ?

Isto. etc.

Minha doce liberdade
Puzeste em alheia mão ;
E a preço de vãs promessas,
Cativaste o coração :

Isto, etc.

Onde estão os teus prazeres?
Dize, cruel, onde estão ?
Sobre ciumes, saudades ;
Estes vem, quando essas vão :

Isto, etc.

De prazeres assaltado
Não tenho socego, não ;
E apenas vem, logo foge
A escaça consolação :

Isto, etc.

Fazes da cruel Ulina
Travêssa repartição ;
Eu tenho as doces promessas :
Outro goza o coração :

Isto, etc.

Eu tão prezo, ella tão solta ;
Ouve a minha petição :

Eu me une mais a Ulina,
Ou me quebra este grilhão :

Isto, etc.

A CASA MAL ASSOMBRADA.

Vê-se a cidade abalada
Todas as velhas rezando,
As creancinhas gritando
E a policia agitada :
— *A casa mal assombrada !*
Grita em còro a multidão.
E' tão grande a confusão
Que a folhinha postergou-se
E a *quaresma* mostrou-se
Depois da *ressurreição*.

Mas vamos do caso ao fundo,
Diz-me *Quaresma* qu' é isto?
Ha um caso nunca visto,
Um'alma do outro mundo !
Reina mysterio profundo
Nesta misera casinha ;
Porque mal chega a noitinha,
Logo um defunto bregeiro
Bate como um leiloeiro,
Lá na porta da cosinha.

Um gato preto já vi,
 Que era tudo menos gato ;
 Vi arrastar um sapato
 Que não calcei nem boli,
 Andando d'aqui para ali :
 Encontrei uma tripeça,
 Vi um caixão, uma eça,
 Um gallo cacarejando ;
 E lá no quintal rinchando
 Um cavallo sem cabeça.

- Saffa ! que causa terror !
- Estou com medo, não nego :
- Um'alma que bate o prego
- Contra as ordens do inspector !...
- Diz-me o tal martellador,
- Como bate ? com que som ?
- « Faz assim ; — trom, trom, trom...
- « Esta agora é de buccolica !
- Com tal pancada symbolica !
- Só se é alma de maçon ? !... »

Acode a policia ousada :
 Dos pedestres a cohorte,
 Invade arrostrando a morte
 A casa mal assombrada.
 A tropa disciplinada,
 Divide-se em pelotões ;
 Ouvem-se as ploclamações
 Destes temiveis zuavos,

Que firmes, intrepidos, bravos,
Molham comtudo os calções.

Porta, janella, telhado,
Sala, cosinha. quintal ;
Tudo em bloqueio infernal
Fica dous dias cercado :
O povo corre aterrado,
Mas de noite a sombra vio ;
As tres pancadas ouvio :
Era a hora tão sinistra,
Que o pedestre de mais crista
De cambaihotas cahio !

Mas victoria ! está fillada
A tal alma do outro mundo !
D'immenso gosto profundo
Vê-se a cidade banhada !
A alma achou-se trepada
N'um velhinho paredão,
Era um bobo... um maganão
Que zombou dos assombrados ;
E foi purgar seus peccados
Na casa da correcção.

ASSIM... SIM!...

POESIA DE?... MUSICA DE?...

Vou propor-te, minha rosa,
Uma bella transacção,
Tive este louco desejo...
Eu agora dou-te um beijo,
E tu dás-me outro .. então ?
— Assim não.

Pois bem : proponho outra cousa,
Proponho-a do coração,
Dessa face purpurina
Furto o beijo, e tu menina,
Furtas-me dois por traição.
— Assim não.

Assim não ? Pois bem, escuta ;
Eu dou-te o beijo na mão,
Tu em paga do *respeito*,
Dás-me um abraço bem estreito
Que eu estreito ao coração.
— Assim não.

Não sei então, minha linda,
Como seja a transacção!
Uma idéa ! Finde o apuro :

Empresta-me um, que de juro
 Pago já grande porção.
 — Assim não.

Então, rosa, espera, escuta,
 Ouve lá, meu seraphim :
 Proposta final é esta:
 Eu dou-te o beijo na testa,
 Não me dês nenhum em mim...
 — Assim... sim.

YAYAZINHA VOCÊ MESMA

Yayazinha você mesma
 Foi a causa do meu mal,
 Nunca pensei que você
 Me fizesse cousa tal.

*Sempre é moça,
 Renego eu d'ella
 Com taes sujeitas
 Muita cautela !*

Todo o tempo me enganou
 Fez de mim seu bobezinho,
 Quando me via chorar
 Me dizia—coitadinho !

Sempre. etc.

Que me amava com ternura
Trinta vezes me jurou;
Quando me quiz ser ingrata
De uma só tudo negou.

Sempre, etc.

FIM.

INDICE

As poesias deste tome estão pela ordem alphabética, seguudo as suas tres subdivisões, *hymnos*, *canções* e *lundús*, e sujeitas a letra do primeiro verso de cada composição. Será portanto facil achal-as, buscando-se como se fosse n'um dictionario. Por essa razão só damos o indice dos auctores, devendo recorrer áquelle expediente para as poesias de auctores anonymos.

INDICE

Alvarenga (Lucas José de)

Pags.

A curiosidade .	144
Os teus amores .	238
A quem quer bem .	255

Barão de S. Angelo (Porto Alegre)

Hymno das artes .	25
São progressos da nação .	156

Bithencourt Sampaio

Bem-te-vi .	95
-------------	----

Bruno Seabra

Fujamos	152
Flôr das mattas	195

Caldas Barbosa (Domingos)

	Pags.
Chuchar no dedo.	45
E então	47
Ouvir, ver e calar.	54
Ais de amor.	55
Zabumba . . .	58
Tenho medo do papão .	62
Sou infeliz . . .	77
Tape, tepe, tipe, ti	81
Amor brasileiro .	89
E' mundo, deixa fallar	100
Não se resiste não.	113
Mente, mente.	118
O seu moleque sou eu	138
Raivas de gôsto. . . .	139
A portugueza abrazileirada	143
Leilão. . . .	160
Só você é o meu bem.	164
Aqui está que todo é teu.	165
A ternura brasileira	190
Diga nhanhã.	194
Amor do Brazil.	198
Aonde está o meu bem ?	207
Não sou de enganar ninguem.	226
O bicho mulher.	228
Meu bem está mal com eu.	231
E' bem feito torne a amar.	236
Ta, ta, ta.	243
Ai segredo.	245
Soldado de amor.	247

	Pags.
Apanhe para seu ensino.	251
Ninguem tenha dô de mim.	254
A b c de amor.	260
Venho amor de ti queixar-me.	265
Eduardo Villas-Boas	
Canção do voluntario.	36
Capenga não forma.	96
O cafuné	130
Emiliano da Silveira	
A saia-balão .	216
Evaristo da Veiga	
Hymno Constitucional.	1
Independencia ou morte.	4
» ou morrer.	6
Hymno marcial.	13
» braziliense.	16
» do batalhão do Imperador.	18
Fontenelle	
A louquinha .	74
Gualberto Peçanha	
Não posso com mais ninguem.	112
José Bonifacio (o velho)	
Cantigas para a mesa.	40

J. Norberto

	Pags.
Hymno commemorativo da Independencia.	9
» á constituição do imperio.	21
» nictheroyense	22
» das escolas.	28
O soldado e a cosinheira	187
A mulatinha e nhonho.	209

Juvenal Galleno

A serrana.	149
------------	-----

Macedo (Dr. J. M. de)

Eu quero me casar.	133
--------------------	-----

Maria Thereza (D.)

A acalentar.	34
--------------	----

M. M.

A lavadeira	192
Engraxate, embernizate à la mode de Paris	223

Natividade Saldanha (José)

O ponche do cajú.	43
-------------------	----

Nunes Garcia (Dr. José Mauricio)

Não te rias, ó menina.	191
------------------------	-----

Oliveira e Mello

Muito a minha alma soffreu.	52
-----------------------------	----

	Pags.
Paula Brito (Francisco de)	
A corda sensível.	64
O seculo das luzes.	122
A marrequinha de yayá	209
Viva S. João	233
Ponto final	253
Queiroga (Dr.)	
Tentação	83
Retrato de uma malatinha.	86
A negrina.	167
Amores brasileiros	213
Ai basta nhanhã !	249
Ribeiro de Sampaio (Dr. José Pinto)	
O anjo da saudade	37
Souza (A. J. de)	
Canção do artista	31
Padecimento	184
Teixeira fe Souza (A. G.)	
O progresso.	119
Telles (Padre)	
Eu não gosto de outro amor	137
Uma fluminense	
A cor morena.	80
Contigo só posso eu	218

Uma nichtheroyense

	Pags .
Não polkas ?	188
Vasques (Francisco Cor rêa	
Viva o Zé-Pereira.	146
Va p'ra as cabanas.	263
Villarinho	
De que me serve esta vida.	102
Xavier de Novaes (Portuguez)	
Quer ser commendador	, 174

FIM

